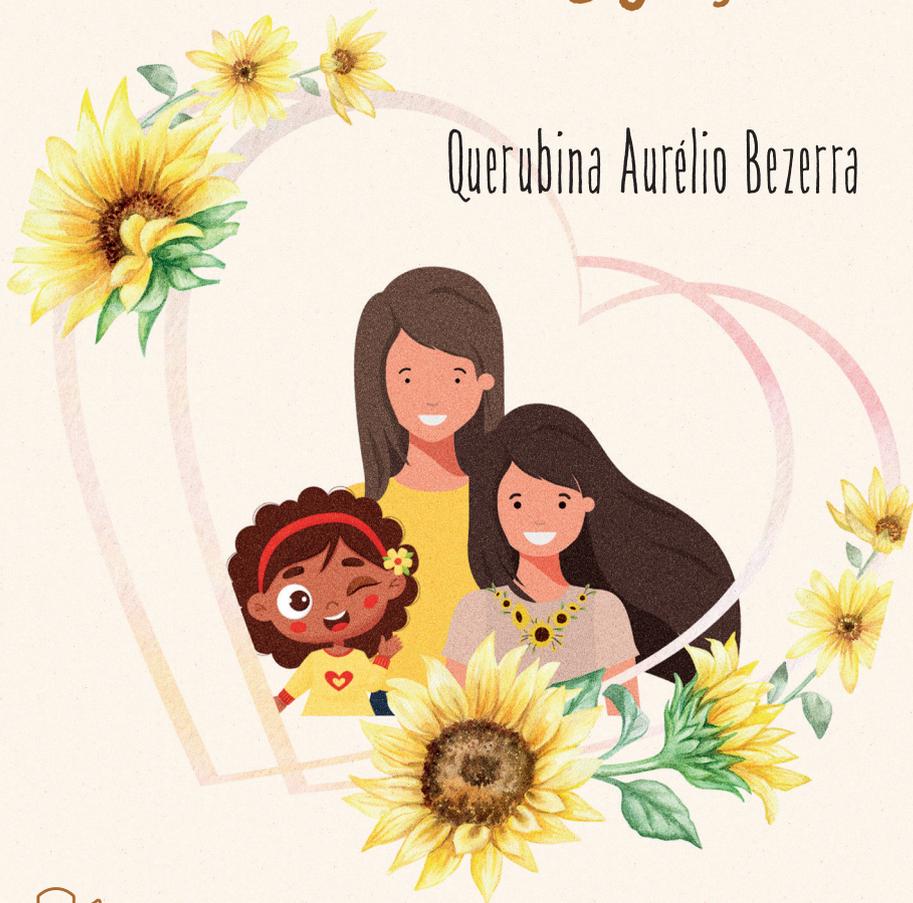


TECENDO (E)TERNOS LAÇOS

Querubina Aurélio Bezerra



 telha

Narrativas de um maternar

Querubina Aurélio Bezerra

TECENDO (E)TERNOS LAÇOS

Narrativas de um maternar



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Rio Grande do Sul



© Querubina Aurélio Bezerra

Editora Telha

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Produção Editorial

Publisher: Douglas Evangelista

Gerente editorial: Mariana Teixeira

Coordenação editorial: Lucas Riehl

Revisão do texto: Caroline Guglielmi

Capa: Fernando Campos

Diagramação: Célia Rosa

	Título	Conselho Editorial do IFRS
Tecendo (e)ternos laços : narrativas de um maternar		<i>Samantha Dias de Lima</i>
		<i>Aline Terra Silveira</i>
<i>Autor</i> Querubina Aurélio Bezerra		<i>Cimara Valim de Mello</i>
		<i>Deloize Lorenzet</i>
1ª edição 2023		<i>Greice da Silva Lorenzetti Andreis</i>
		<i>Luciano Manfroi</i>
		<i>Maisa Helena Brum</i>
		<i>Maria Cristina Caminha de Castilhos França</i>
		<i>Marília Bonzanini Bossle</i>
		<i>Sílvia Schiedeck</i>
		<i>Marcus André Kurtz Almança</i>
		<i>Daniela Sanfelice</i>
		<i>Maurício Polidoro</i>
		<i>Paulo Roberto Janissek</i>
		<i>Carine Bueira Loureiro</i>
		<i>Marina Wöhke Cyrillo</i>
		<i>Daiane Romanzini</i>
		<i>Viviane Diehl</i>
		<i>João Vitor Gobis Verges</i>

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B574t Bezerra, Querubina Aurélio
Tecendo (e)ternos laços : narrativas de um maternar [recurso eletrônico] / Querubina Aurélio Bezerra. -- 1.ed.-- Rio de Janeiro: Telha; Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2023.
1 arquivo em PDF (106 p.)

ISBN 978-65-5950-058-1 (Livro digital)
ISBN 978-65-5950-059-8 (Livro físico)

1. Adoção. 2. Maternidade. 3. Infância. 4. Gênero e diversidade. I. Título.

CDU: Ed. 2007 (online) -- 347.633

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

Editora Telha

Rua Uruguai 380, Bloco E, 304

Tijuca, Rio de Janeiro/RJ - CEP 20.510-052

Telefone: (21) 2143-4358

E-mail: contato@editoratilha.com.br

Site: www.editoratilha.com.br

Dedico este livro às minhas meninas, Caroline e Ana Júlia, que me tornaram mãe. À minha mãe, Filomena, e à minha irmã, Hélia, que são os maiores exemplos de mãe nos quais me espelho. Às minhas amigas, Ada, Dani e Ju, que me escutam e me apoiam ao longo desta trajetória de ser mãe.

Botões a florescer...

Não faço ideia sobre o que o tempo nos reserva,
só digo que somos botões
e que vamos receber cuidados,
a água que nos regará,
o adubo que nos nutrirá e,
talvez em algum momento,
sofreremos com as intempéries, mas,
no tempo certo,
vamos florescer.

Querubina Aurélio Bezerra

Índice

Prefácio	8
Como este livro nasceu!	13
Uma nova Família	16
O nascer de uma mãe	16
(Re)conhecendo o amor	19
Minha pequerrucha chegou!	24
Manas: o mais belo e terno laço	27
Família, a nossa Fortaleza	31
Minha filhota	33
Uma identidade alicerçada nos afetos	33
Os segredos que nos permitiram crescer	36
Com carinhas, letras e botões, tecemos emoções	43
A escola	46
Quando eu não conseguir te proteger	50
Minha pequerrucha	52
Nosso mundo: entre o meu seio e o seu olhar	52
O colorido do varal	55
Entre cores, sabores e texturas	58
Falar, cantar, rir, chorar e gritar: eu quero me expressar ...	61
Pequerruchices: o tempo de brincar é agora!	66
Perrengues maternos	69
Despertador	69
A saga da mudança de nome da filhota	71

Visitantes indesejados.....	79
Acho que dessa vez vou levar uma mordida do leão.....	81
O outono e seus (des)encantos.....	82
Mulher-mãe	84
Mãe, mamãe, manhê!	84
Vivas, limpas e alimentadas!	87
Onde será que me perdi?	92
O invisível trabalho doméstico!	95
Abraçando meu novo eu	97

Prefácio

Por Daniela Corte Real
Doutora em Educação

Apresentar o livro de Querubina é, para mim, antes de tudo, um exercício de retomada, de retomada da minha própria experiência do maternar, enquanto algo que vai se tecendo em ternos e eternos laços há mais de trinta anos. Histórias que não registrei em textos, assim como ela o fez. Lembranças que precisaram ser resgatadas (e revisitadas) após a leitura das crônicas que escreveu e que me provocaram a reflexão sobre o que é ser mãe hoje. Relatos que mostram as diferenças e as semelhanças entre duas mulheres muito amigas, com trajetórias de vida muito diferentes, e de muitas outras.

Tecendo (e)ternos laços: narrativas de um maternar não é um conto de fadas ou um livro para você ler despreziosamente; é uma obra robusta, tensa, alegre e, acima de tudo, que emociona e nos faz acreditar, sobretudo, no amor de uma mãe por suas filhas. Nos deparamos — bem poderia dizer que nos encontramos — com uma mulher forte que, ao exercer seu maternar, ao mesmo tempo se põe à prova, se reinventa, se redescobre e se desnuda para suas leitoras e leitores. Querubina não espera nada em troca quando compartilha conosco o nascer de uma mãe (de coração) de uma filha atípica e pré-adolescente que **RE**conhece o amor. Tenho certeza de que poucas pessoas que eu conheço se atreveriam a iniciar essa jornada... mas essa é outra história!

Da mesma maneira quando explicita a chegada da segunda filha, de parto natural — depois de muita resistência desta mãe no hospital que insistia em uma cesariana —, Querubina experencia uma outra forma de maternar com a pequerrucha, que chegou para completar ainda mais a família.

Novas relações se constituem, laços de amor e de afeto são ressignificados e assumem outros contornos, as manas tecem o mais belo e terno deles. Ainda assim, alguns acontecimentos exigem resiliência e a família também se modifica.

Eu estive com a Querubina nos momentos da chegada de cada uma das filhas, acompanhei as cores que elas trouxeram para sua vida e me tornei, assim como outras amigas, uma daquelas ex-participantes dos cafés da rua que viraram cafés imaginários em brinquedos cor-de-rosa. Não leia isso como uma queixa, que tipo de amiga eu seria se não entendesse que essa nova geografia da família exigiu — de todos/as que amamos essas três mulheres — uma nova coreografia?!

Na sequência do livro, ela, a mãe Querubina, escreve sobre as relações com a primogênita, os desafios, as descobertas, os limites de uma institucionalização e os ecos da falta de uma estimulação na idade certa. Reflete sobre as perdas (emocionais, psicológicas e até educacionais) que fizeram da outra vida da filha, mas incansável — mesmo cansada — foca nas potencialidades e possibilidades dela. Nesta relação atípica de mãe e filha, alicerça-se uma identidade (agora adolescente/adulta) que se sustenta nos afetos. Alguns segredos são explicitados e fazem emergir a necessidade de novas regras, limites e modos de ser — de novo e cada vez mais — mãe e filha. Uma quase ruptura espreita, mas falha. Reconnectam-se e se permitem crescer.

Mudam-se as estratégias, a mãe torna-se ao mesmo tempo professora, terapeuta ocupacional, amiga, companheira e vigia. As emoções continuam a ser tecidas com carinhas, letras e botões. Dúvidas, frustrações e medos se enfileiram na rotina diária... A próxima parada é a escola. As incertezas e limitações da própria instituição escolar espreitam as expectativas e a realidade. O futuro assume contornos mais assustadores e a mãe se questiona: “E quando eu não conseguir te proteger?”

Avançamos na leitura ora preocupados, ora otimistas. A cada crônica lida, Querubina nos provoca a seguir em frente: queremos saber mais. A gente se encanta, se surpreende,

se solidariza com a autora em muitos momentos. Em outros, questiona: “Como ela dá conta? Como ela aguenta?” Em outros, pensamos: “Se fosse eu, teria desistido (ou enlouquecido)”. A todo instante a mulher forte, nordestina, que veio para o Sul, a trabalho e por amor, assume diferentes contornos — guerreira, valente, teimosa, obstinada, realista e, como ela gosta de se anunciar: supersincera. Cada página do livro assume contornos e elenca perspectivas que nos permitem enxergar e reconhecer tantas outras mulheres que conhecemos ou sobre as quais já ouvimos falar...

A segunda filha insere outras dimensões, criam-se outros laços do maternar, que envolvem a amamentação e o olhar da pequerrucha — e, por que não dizer, o modo como aquela mãe vê a filha e a si mesma sob diferentes lentes. Novas cores se apresentam, novas responsabilidades e trabalhos domésticos se acumulam; ser mãe é sempre um ato de somar, nunca de diminuir. Tem o tempo das fraldas coloridas no varal, de ouvir os sussurros, o choro, as primeiras palavras, os gritos, as manhas — as diversas formas de quem quer se expressar. E tem o tempo de brincar. Anotem aí: para a pequerrucha (e os pequerruchos), o tempo de brincar é SEMPRE agora!

Escrevo este comentário sobre o livro de Queru e penso o quanto ele reflete as vivências de muitas de nós no nosso maternar. A todo momento, revisito minha história com meus filhos e me emociono ao recordar. Não sei por que, mas quando os filhos crescem, tendemos a recordar apenas das coisas divertidas e dos momentos felizes; os perrengues maternos vão perdendo sua nitidez...

Daí que, ao fazer a leitura da Parte Quatro das crônicas — parte em que justamente a autora/amiga reflete sobre os perrengues maternos —, dou risadas (de nervoso) ao lembrar daqueles pelos quais passei. Tantas coisas esquecidas nas gavetas da memória de um passado não tão distante que se REcolorem (não sei se invento aqui nova palavra) desde o despertador até o **meu** outono e seus (des)encantos. Quan-

tas diferenças e quantas semelhanças. Me sinto representada, ainda que com outras formas de experienciar a maternagem, no livro de Querubina, como mãe, mulher, amiga e dinda de coração da primogênita.

Fique atenta(o) e observe que outros atores vão sendo inseridos nas crônicas a partir daqui: a justiça, visitantes indesejados, o leão, que no texto não é um animal, mas que parece querer morder... Pode-se fazer a pergunta: “Mãe-mulher ou mulher-mãe?!”

As cinco últimas crônicas provocam, desconstroem e exigem uma reflexão aprofundada sobre o maternar nos dias de hoje. Querubina escreve sobre algumas questões cotidianas que são recorrentes à mãe-mulher e à mulher-mãe, que também se pergunta: “Onde será que me perdi?” Como mãe-mulher, ela escreve sobre um desencontro dela com seu eu. Como mulher-mãe, se pega abraçando o novo eu que foi se moldando e resistindo — bravamente — a todas as possibilidades, desafios e ecos de ser, também, mãe.

Comecei a apresentação deste livro dizendo o quanto foi necessário para a escrita deste texto retomar minha própria maternagem. Hoje, agosto de 2023, sou avó — que dizem ser mãe duas vezes — e, ao ver meu filho com minha neta, entendi que o maternar é, muito mais do que um ato de amor, mas um ato de fé. Um ato de fé em nós mesmas que, assim como escreve Querubina, vamos acertar, errar, nos sentir às vezes sós, e outras vezes tão sobrecarregadamente acompanhadas que só o que desejamos são cinco minutinhos sozinhas. E que tudo bem viver esse paradoxo, porque depois de tudo, vamos ter sempre certeza de que ser mãe é duro, mas bom demais, e no final a gente vai ver que deu certo!

Encerro escrevendo que Querubina, solidariamente, compartilhou neste livro de crônicas com suas leitoras e leitores um ponto de vista próprio e irreversível a partir do enfrentamento sistemático do seu cotidiano, dos seus desejos e

custos de ser mulher e mãe. Escreveu sobre suas alegrias e suas dores, se expôs e se revelou sem véus ou estereótipas. Se arriscou e assumiu os riscos. Que este novo eu — com o qual ela se reconecta nas últimas linhas da última crônica — possa viver novas e coloridas fases deste maternar!

Querida amiga, agradeço a oportunidade de escrever a apresentação do seu livro e de revisitar meu próprio maternar a partir das histórias que contam.

Com amor,

Dani.

Como este livro nasceu!

Eu sou Querubina Aurélio Bezerra, cearense, geógrafa, peregrina em terra pelo Sul do Brasil, Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Caxias do Sul, Mestre em Educação, mãe da Caroline e da Ana Júlia e estudante do curso de doutorado em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Em 2023, completei 15 anos como servidora pública federal, tendo passado, antes de chegar ao IFRS, pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Instituto Federal Catarinense (IFC).

Para me dedicar ao doutorado, fui beneficiada com afastamento integral de minhas atividades laborais no IFRS. E, em meio às leituras e escritas destinadas às disciplinas e ao projeto de tese, criei brechas para um exercício terapêutico: escrever. Mesmo que o doutorado requeira de mim muita escrita, esta aqui é uma escrita diferente, é uma narrativa sobre parte da minha vida que se tornou intensa, significativa e sobre a qual eu entendi que precisava registrar: o meu maternar.

As narrativas que compartilho neste livro são as memórias de uma fase intensa iniciada em 2018, quando comecei, de forma ainda inconsciente, a gestar meu projeto de ser mãe e que seguiram até a organização deste livro, em abril de 2023, para submissão em edital de apoio à publicação de produtos bibliográficos do IFRS.

Se guardo aqui esses registros, é porque percebo que um dia teremos apenas lembranças desses anos tão intensos, mas ao mesmo tempo temo que minha memória me traia e eu já não consiga lembrar dos detalhes que foram o motivo para encontrar alegria em minhas escolhas, mesmo quando:

- Os finais de semana se tornavam tão cansativos e eu já não me empolgava com a chegada de um feriado. E percebia que já não era aquela menina animada com a folga da escola para passear na casa dos avós, nem a mulher a planejar uma viagem nas folgas do trabalho, mas a mulher-mãe que teria que dar conta dos cuidados das minhas meninas sem contar com uma rede de apoio;
- Eu não conseguia um tempo dedicado exclusivamente a mim, tempo este que ficou cada vez mais escasso, por muitos dias até inexistente, desde que fiz a escolha por maternar;
- Os encontros com as amigas seguiram adiados indeterminadamente, parecendo que algumas amizades ficavam cada vez mais distantes por eu já não fazer parte daquele círculo, ou mesmo porque outras amigas estavam sobrecarregadas com as funções de suas próprias maternagens;
- Eu deixasse de lado, mesmo que de forma temporária, alguns projetos pessoais, acadêmicos e profissionais, para seguir com minha função materna, apenas dando conta do que era inadiável em termos profissionais, mesmo que minha jornada de trabalho destinada ao IFRS durante o trabalho remoto fosse quase sempre realizada durante as madrugadas e os estudos destinados ao doutorado só se realizassem nas janelas que a função mãe me permitia, e;
- O mundo que eu tanto queria conhecer ficasse a maior parte do tempo resumido à nossa casa, nossa vizinhança, nossa rua e nosso bairro.

Guardo aqui minhas memórias, pensando que quando este dia chegar... este amanhã, em que na memória encontrarei os sentidos desta etapa tão intensa da minha vida, saberei que:

- O cansaço foi recompensado com risos, abraços e beijos;
- Se meu lado mãe nunca me permitia estar sozinha, é porque já havia muita solidão cercando outras áreas da minha vida;
- Em vez de cafés com as amigas, quase todos os dias em minha casa foram preparados e servidos cafés, de forma imaginária, em brinquedos cor-de-rosa;
- Eu apenas dei mais ênfase a um projeto singular, o meu maternar, e dediquei meus esforços na busca de informações que tornassem a nossa relação, de mãe e filhas, mais respeitosa; e
- As conversas com as amigas adultas foram substituídas por brincadeiras em casa ou na garagem, caminhadas, passeios nas pracinhas, brincadeiras de pega-pega, enfim, qualquer coisa que ajudasse a construir nosso mundo de afeto.

Com o tempo, poderemos perceber os laços tecidos pela terna relação que diariamente construímos enquanto mãe e filhas. E que um dia vai ser tudo diferente. Quem sabe, já em outra etapa, possamos aproveitar, juntas, momentos outros, com novas e intensas aventuras.

UMA NOVA FAMÍLIA



O nascer de uma mãe

Hoje eu realmente entendo a vida como uma sucessão de etapas. E assim como a lua que regularmente nasce indicando que logo virão novas fases, penso que a cada nova fase eu renasço e vou aos poucos me transformando em um ser que, mesmo não deixando a essência daquilo que me compôs anteriormente, já não é a mesma de outrora. Os textos que compartilho nesta obra relatam um pouco das minhas experiências em uma nova fase, a de mulher-mãe.

Já tive importantes marcos em minha vida, mas nesta obra quero compartilhar os meus renascimentos. Sim, porque um dia eu nasci uma bebê bem pequena. E cresci, me desenvolvi e o mundo se colocou diante de mim como um campo de conquistas.

Por duas vezes eu renasci, para deixar de olhar somente para mim e passar a dividir este meu mundo com quem chegava para me transformar completamente. Renasci como mulher-mãe por duas vezes.

A primeira foi em 2019, quando minha filhota, Caroline, chegou pela via da adoção. Aquele ano foi, sem dúvidas, o mais intenso que tinha vivido até aquele momento. Nunca trabalhei tanto, mesmo que tenha passado metade do ano em licença à adotante. Minha dedicação aos estudos (leituras, cursos, pre-

paração de materiais e acompanhamento escolar) superou o período do mestrado. Dirigi muito, a ponto de me questionar onde foi parar aquele pavor de dirigir que antes me acompanhava. Caminhei muito, enquanto aprendia que as mais belas e ricas viagens dependiam muito mais da boa companhia.

Aquele foi o ano em que mais escrevi sobre mim. Escrevi para mim mesma para mostrar que, em meio à tanta loucura que podia estar sendo minha vida, as coisas estavam fluindo de forma positiva. Que, mesmo que eu ouvisse o contrário, valia a pena persistir naquilo que foi meu maior projeto: ser mãe. Eu esboçava naquele ano meus primeiros textos autorais, que seguiam guardados e que, agora revisitados, mostram como eu renasci e o quanto desenvolvi uma nova essência, a essência da mulher-mãe atípica, nascida pela via da adoção tardia de uma linda adolescente, que é também uma pessoa com deficiência.

Não demorou muito para eu renascer pela segunda vez. Em 2020, vivi uma nova fase, gestando em mim a minha pequerrucha, Ana Júlia. Renasci novamente, como uma nova mulher-mãe que agora precisava aprender a cuidar de uma bebê recém-nascida e que teria a possibilidade de acompanhar as diferentes fases do seu desenvolvimento.

Desde o primeiro instante em que a maternidade se tornou essência em minha vida, percebo que o tempo vai se tornando cada dia mais intenso e que é preciso aproveitar cada segundo com minhas meninas, pois o tempo passa, elas crescem e se desenvolvem, enquanto eu vivo a contemplar e a registrar cada momento.

As poucas fotografias guardadas por minha mãe fazem-me olhar para um tempo que já não lembro, mas que percebo que vivi tão intensamente quanto a minha pequerrucha vive o dela.

A adolescência que hoje vejo em minha primogênita permite-me lembrar um pouco desta fase que foi para mim tão intensa. E mesmo sabendo que nossas oportunidades de vidas tenham sido tão distintas, às vezes olho para minha menina e lembro de mim.

E a mulher-mãe que hoje sou faz-me lembrar de mim mesma, há pouco tempo, quando já adulta e em meus afazeres profissionais tive a oportunidade de olhar com cuidado para aquelas mulheres que se desafiavam a estudar, apesar de saber que a vida lhes traria novas responsabilidades com a chegada de seus filhos. Hoje penso que eu poderia ter feito muito mais por aquelas mulheres que passavam por seus puerpérios seguindo seus estudos na forma de exercícios domiciliares, porém vejo que meu entendimento é outro justamente por também ter a maternidade como uma experiência concreta em minha vida.

Com as narrativas que seguem, espero compartilhar um pouco da intensidade que é maternar. Não pretendo aqui apenas romantizar a maternidade, nem tampouco apagar as belezas que emergem na vida de uma mulher quando a responsabilidade por outras vidas se faz tão intensa. Quero, sim, dividir uma fase que me enche de encantos, mas aproveito também para problematizar alguns dos desafios que se colocam diante de nós mães. Afinal, por vezes, é necessário se posicionar para não deixar que a estrutura social tão pautada no patriarcado sobrecarregue a mulher-mãe a ponto de ela esquecer de si mesma, de sua essência e da sua contribuição na e para sociedade, que pode ir além do cuidado dedicado à família.

(Re)conhecendo o amor

Sábado, 16 de junho de 2018! Estava 1 grau negativo quando acordei às seis horas da manhã. Por duas horas viajamos para um lugar desconhecido. O inverno demonstrava a sua intensidade, mas não contava com o mais intenso calor que poderia surgir em nossas vidas: naquele dia, a temperatura externa saiu daquele 1 grau negativo para um grande calor que tocou nossos corações desde aquele primeiro encontro.

Nossa filhota vivia em uma instituição de acolhimento onde fomos desenvolver uma ação social, algo aparentemente simples: ir, conhecer o local, levar um pouco de diversão, de alimentos, e depois voltar aos nossos lares. O que não contávamos era que naquele lugar conheceríamos nosso primeiro grande amor. Sim, éramos companheiros de vida naquele momento, mas a vida nos traria outro amor na forma de uma filha.

O que aconteceu, de fato, foi que aquela menina veio até nós e nos fez um singelo pedido: “Querem ser meus dindos?” Não entendíamos nada daquilo, mas diante do pedido resolvemos buscar mais informações.

Fomos informados que o judiciário tinha um programa de Apadrinhamento Afetivo, em que pessoas poderiam apadrinhar crianças acolhidas, de forma a estabelecer com elas vínculos afetivos. Decidimos entrar no programa, participamos de todas as etapas exigidas, desde a documentação até a realização do curso de apadrinhamento exigido pelo juizado, e enfim nos tornamos os dindos que ela queria. A aproximação foi se tornando cada vez mais frequente, e o que iniciou com visitas por um turno na instituição de acolhimento passou a visitas dela em nossa casa por um final de semana, com direito a passeios e convivência com nossa família.

E, em meio à família, o amor logo foi reconhecido pelo acolhimento dado pelos primos. Sim, primos, porque as crianças

sabiam que os tios não tinham filhos e que, de repente, eles chegavam para visitá-los com aquela menina. No pensamento mais lógico, inteligente, afetivo e acolhedor de uma criança, eles resolveram qualquer problema já dizendo que ela era a nova prima.

Já estávamos tão envolvidos com a presença daquela menina em nossa vida que nosso pensamento era de fortalecer cada vez mais aquele vínculo para, quando ela completasse 18 anos, sermos a base de apoio em sua vida, inclusive podendo acolhê-la quando ela tivesse que sair do acolhimento institucional que acaba quando os jovens alcançam a maioridade.

O que não contávamos era que as regras do jogo poderiam mudar de repente e que cartas que sequer conhecíamos poderiam ser lançadas sobre a mesa e desestruturar todas as nossas estratégias. Sim, foi isso o que aconteceu quando fomos chamados para uma conversa com a equipe técnica da instituição de acolhimento. A princípio pensamos que eles só queriam verificar como estavam sendo as visitas para colocar informações nos relatórios, atividade de praxe nesse tipo de instituição, afinal, estão lidando com vidas que já passaram por situações delicadas. Falamos sobre o quanto estava sendo especial a presença dela em nossas vidas e do nosso propósito para o futuro dela, caso ela não tivesse onde morar após os 18 anos.

O que veio na realidade foi a informação de que aquela menina seria transferida para outra instituição, uma que tivesse melhores condições de atender às necessidades advindas da sua condição de deficiência e de suas questões comportamentais. A nova instituição estaria localizada em outro município e não havia certeza da continuidade da relação entre padrinhos e afilhada pelo programa de Apadrinhamento Afetivo. Eu admito que via ali meu mundo cair, à medida em que sentia as lágrimas escorrem em meu rosto; era uma mistura de frustração e revolta que pairava em meu pensamento. Como assim, somos incentivados a participar de um importante programa e, de repente, seremos desvinculados daquela menina? E como assim, após tantos anos

em acolhimento institucional, quando finalmente há pessoas que constituem um vínculo real com ela, esse laço é rompido?

Diante da nossa fala sobre os projetos para o futuro da menina, fomos questionados se não poderíamos adotá-la, já que nosso sentimento era tão intenso e nosso propósito já previa representar uma família para ela. De imediato explicamos que achávamos não ser possível, devido às regras do programa de adoção e de todas as orientações recebidas no programa de Apadrinhamento Afetivo. Porém fomos para casa, tentando ser os mais racionais possíveis, mesmo que as lágrimas teimassem em escapar de meus olhos durante todo o percurso de 110 km até nosso destino.

Liguei para a coordenadora da instituição de apoio à adoção que conduziu o curso do programa de Apadrinhamento Afetivo, expliquei a situação e ela me orientou que, diante do fato de já termos um vínculo com a menina, haveria sim uma possibilidade de tentarmos o processo de adoção. Porém esse processo seria diferente do trâmite geral, uma adoção direta, e requereria a constituição de um advogado para mover tal ação.

Em casa, meu companheiro e eu listamos todos os prós e contras de uma adoção tardia de uma pessoa com deficiência. E no final daquela importante conversa, que mudaria para sempre nossas vidas, redigimos um documento para a instituição de acolhimento informando que daríamos entrada no processo de adoção e pedindo para que o processo de transferência da nossa menina fosse interrompido. No dia seguinte, eu já estava em contato com o advogado e levantando toda a documentação solicitada.

Parece que aconteceu tudo tão rápido, mas somente depois que percebi que tivemos exatas quarenta semanas e três dias até que aquele vínculo que iniciou com a proposta de apadrinhamento se tornasse a decisão de iniciar o processo de adoção. Sim, ao longo desse tempo, gestávamos, ainda que de forma inconsciente, o amor que seria a base para a chegada de nossa primogênita.

Enquanto o tempo passava, eu li muita coisa sobre apadrinhamento afetivo (nosso propósito inicial), fizemos o curso, e também li sobre adoção. Mas eu decidi não saber o que costuma ser parte da curiosidade das pessoas: o que aconteceu para que minha filha estivesse aguardando uma família adotiva. Talvez alguns achem estranho que eu tenha tomado essa decisão — afinal, sou a pessoa que lê o Diário Oficial, bulas de remédios e inúmeros outros documentos —, me recusando a conhecer o documento que talvez me explique parte das dificuldades que ela apresenta.

Pois é, eu decidi não ler o processo que trata da destituição do poder familiar da família biológica e coloquei o advogado, no exercício do seu ofício, como responsável por essa tarefa; ele respeitou minha decisão e manteve em silêncio as informações que obteve, resignando-se a apenas dizer que estávamos tendo uma atitude admirável diante daquela menina. Na realidade, posso dizer que resolvi adiar, o máximo possível, o acesso a essas informações do passado e aproveitar o tempo presente para conhecê-la.

Sim, sabe esse tempo que nos presenteia com segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos? Esse tempo que floresce em nós a cada primavera, que nos alegra com o calor do verão, que enche nossos olhos com as cores do outono e que, mesmo no frio do inverno, foi capaz de nos apresentar o maior calor em nossos corações? Esse mesmo, foi esse tempo que eu quis aproveitar.

Eu queria que a minha menina, a minha filhota, se apresentasse a mim, para entender esse presente e os eventuais fantasmas do passado — sempre contando, é claro, com a ajuda das nossas psicólogas, a dela e a minha. O que eu não queria era me tornar uma mãe carregada de medos que não me pertenciam (já bastam os meus próprios), cheia de preconceitos, ou, ainda, que não conseguisse tomar as decisões do meu próprio maternar por pena daquilo que um documento pudesse dizer que ela já tinha vivido.

O dia a dia nem sempre é fácil, mas nos momentos mais difíceis que tivemos ela sempre dizia: «Eu sou assim!» E ali eu tinha a certeza de que fiz a melhor escolha, pois eu podia dizer quem era a menina que eu conheci.

Atualmente está mais fácil explicar a ela a diferença entre ser e estar, entre o que é essência e o que é ocorrência. E talvez, se um dia ela resolver falar do passado, eu saiba como lidar com tudo isso.

O que importa, ao longo de todo esse tempo, é que a nossa família finalmente se constituiu. Caroline chegou em definitivo em nossa família no dia 23 de maio de 2019 e, ano após ano, celebramos este *nosso dia 23*. Sim, grifo este termo pois ela nasceu em um dia 23, logo quando a primavera dava seus primeiros sinais no mês de setembro, e também celebramos este dia quando maio nos presenteou, para além das belas cores do outono, com a nossa filhota. Seguiremos celebrando o dia 23 de maio, pois neste dia ela chegou para encher a nossa família de alegrias, aventuras e certa dose de preocupação, que faz parte dessa responsabilidade parental.

Com todos os imprevistos causados pela pandemia do coronavírus, o processo demorou, é verdade, mas finalmente a adoção foi finalizada em 1º de novembro de 2022, quando ela recebeu nosso sobrenome e começamos a grande saga de mudança de documentações. Tais funções nos renderam aventuras para guardar em nossas memórias afetivas.

Enfim, depois de tantos desafios vivenciados e dificuldades vencidas, posso dizer que minha vida renasceu a primeira vez quando para mim aquela menina se tornou filha e para ela eu me tornei mãe.

Minha pequerrucha chegou!

Segunda-feira, 21 de setembro de 2020! Não demorou muito para eu renascer pela segunda vez como mulher-mãe.

Esta segunda experiência da maternidade se deu de forma um pouco diferente. Posso dizer que da forma mais convencional, porém eu tinha o desejo e vivenciei primeiro o maternar pela via da adoção, e viver a maternidade pela via biológica me transformou em muitos aspectos.

Primeiro porque não foi uma gestação tão tranquila; necessitei de repouso logo que descobri a gestação e isso, de forma direta, impactou a forma como eu poderia dar o suporte à minha primogênita. Tive sérias dores na coluna, possivelmente causadas por uma hérnia de disco que comprimia o nervo ciático, que comprometeram minha locomoção. Além de tudo isso, também tivemos todo o isolamento causado pela pandemia e a ideia de que o puerpério seria vivenciado sem a presença de uma rede de apoio. Então digo que, apesar de todos os encantos que podem estar associados ao gestar, tive muitos fatores que me abalaram física e emocionalmente durante aquele período.

Eu tentei me cuidar da forma como era possível: todas as consultas e os exames pré-natais com os cuidados necessários para evitar contágio pelo coronavírus; fisioterapias e acupuntura para tratar das dores da coluna; atendimentos psicológicos para cuidar da minha saúde emocional; e muitas leituras sobre parto, amamentação e cuidados com um bebê.

Após quarenta semanas e três dias (obra do destino, coincidência, seja lá que nome queira dar, mas minhas duas diferentes gestações tiveram exatamente o mesmo tempo), Ana Júlia chegou. Chegou de um jeito incrível, depois de a mamãe perceber que teria de mudar de planos na hora da sua chegada para vivermos nosso momento da forma mais natural possível.

Minha menininha estreou neste mundo às 5h24 da segunda-feira, 21 de setembro de 2020, após um trabalho de parto que demorou menos de duas horas.

O sonho da mamãe foi realizado: um parto normal, sem intervenções e super-rápido. Não deu nem tempo de a mamãe entender o que estava acontecendo. É sério! Mamãe nem chegou na sala de parto. A pequerrucha decidiu que estava pronta e que era hora de vir ao mundo, não importava se eu ainda estava na recepção do centro obstétrico.

De repente, lá estávamos nós, mãe e filha. Eu renascendo como mãe e ela, minha segunda filha, vindo ao meu colo, sendo colocada no tetê e recebendo sua primeira avaliação na vida: apgar 10/10.

É tão incrível como o parto possa acontecer desta forma, isto é, encher uma mulher de hormônios e, momentaneamente, fazê-la esquecer a frustração vivida há tão pouco. No entanto, a data que antecede o aniversário da minha pequena ficou marcada na memória como uma das piores experiências que já vivi. Sei que é algo a trabalhar na terapia para, aos poucos, conseguir superar esse processo, que foi tão negativo, e conseguir manter em minhas lembranças um dos mais importantes momentos de minha vida.

A questão foi que a pequerrucha estava curtindo o fornicinho e passou das quarenta semanas, o que não é um problema. No entanto, para resolver a situação, as médicas plantonistas do hospital onde eu pretendia realizar o parto — e onde estava para realizar exames de rotina indicados para gestantes que passam da data prevista para o parto — queriam me obrigar a fazer uma cirurgia desnecessária e passaram a dizer que eu ia matar minha bebê ou deixá-la com graves sequelas, mesmo diante de vários exames realizados que indicavam que mãe e bebê estavam bem.

Se eu não fosse uma pessoa bem-informada e não estivesse bem-orientada, talvez tivesse passado por um trauma ainda

maior, pois tenho pavor de cirurgia e só iria para uma cesárea se realmente fosse uma necessidade. Além disso, eu sabia que não teria uma rede de apoio para me auxiliar durante o pós-parto.

O que eu percebia ali era um sistema muito mais preocupado em dizer que há um status direcionado a alguns profissionais e que pouco importava escutar a voz de uma mãe ou saber qual o desejo dela para a via de nascimento de sua filha. Mas, enfim, assinei papéis, saí daquele hospital e fui pra casa. O detalhe é que tudo o que ouvi enquanto estava sozinha naquele hospital me marcou e me deixou muito mal.

Em casa, chorei, conversei com minha bebê, que ainda curti o quentinho da barriga, e descansei. Na madrugada seguinte, às 3h, acordei, percebi algo diferente e fui para outro hospital, e lá descobri que já estava em trabalho de parto e com a dilatação bem avançada, mesmo sem sentir absolutamente nada. Aos poucos as contrações surgiram, de forma rápida e intensa. E quando eu fui buscar ajuda — pois estava sozinha em uma sala —, só ouvia as profissionais dizerem: “Como assim? Ela acabou de chegar!”

A médica que me atendeu disse que o próximo exame para verificação da dilatação seria feito em uma hora e que naquele momento não havia necessidade de prescrever nenhuma medicação. Uma técnica de enfermagem disse que preparava para mim a sala de pré-parto, com bola, chuveiro e todos os demais adereços disponíveis naquele local.

No final das contas, nem exame, nem medicação, nem sala de pré-parto: nada do que disseram eu usufruí. Mas isso não foi algo negativo — ao contrário, nem no pensamento mais utópico da minha vida imaginei que teria um parto tão rápido. Minha pequerrucha decidiu que estava preparada e nasceu. Nasceu para trazer ainda mais alegrias e aventuras à nossa família.

Manas: o mais belo e terno laço

Após a chegada da minha primogênita, não demorou muito para que ela começasse a falar no seu desejo em ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. E ela sempre foi muito determinada em expressar sua vontade: queria um bebê que ela pudesse ajudar a cuidar.

Dentre as poucas coisas que sabíamos sobre seu passado, estava o fato de que nossa filhota já tinha experienciado a convivência com irmãos, tanto biológicos — dos quais ela foi separada quando passou para o acolhimento institucional — quanto afetivos — que conviviam com ela na instituição de acolhimento.

Acreditamos que em ambas as situações, a experiência de convivência fraterna foi diversas vezes interrompida e que seguia nela o desejo por ter alguém para chamar de maninho ou maninha. Decidimos então que era o momento de pensar em um segundo filho.

Diferente do que algumas pessoas pensam, nossa decisão pela adoção não se deu por uma dificuldade em ter filhos biológicos. Era nosso desejo adotar e sempre conversamos sobre a ideia de adotar uma criança mais crescadinha, o que é conhecido como adoção tardia.

Apesar de também ser o desejo de ter um filho biológico — e até de atender ao desejo da nossa menina —, hoje penso se não foi precipitada nossa decisão em termos de tempo, já que fazia tão pouco que Caroline tinha chegado para fazer parte da família.

Hoje lembro que, em meio às informações a respeito de adoção que me propus a buscar, especialmente após iniciar o processo de adoção da filhota, era comum encontrar, em artigos ou vídeos que tratavam da adoção tardia, informações sobre o findar das esperanças de pessoas que talvez nunca fossem adotadas, ou, pior ainda, os casos de adoções frustradas.

Estabelecer um vínculo com um novo filho, que possivelmente já passou pelas mais diversas perdas, que talvez tenha sobrevivido às durezas da vida desde muito cedo e que até já perdeu as esperanças de encontrar uma família, não é tarefa fácil. Por isso, hoje, de forma mais racional, ponho-me a pensar no risco que tivemos com a chegada da Ana Júlia ainda nesse tempo de convivência inicial da adoção da Caroline.

Não se trata de arrependimento, longe disso. A questão era que nossa primogênita apresentava muitas demandas e a bebê também requeria seus próprios cuidados.

Enfim, não demorou muito. Sete meses após a chegada da filhota, eu engravidei. Demoramos dois meses até descobrir a gestação; a filhota ficou muito feliz quando soube do bebê e participou de todos os preparativos ao longo daqueles meses de espera, curtindo o crescer da barriga da mamãe, auxiliando nas escolhas de cada detalhe que faria parte do enxoval e, o que considero o mais significativo para ela, a escolha pelo nome da maninha, mesmo quando ainda nem sabíamos que seria uma menininha.

Minha pequerrucha chegou dois dias antes do aniversário da mana e já foi considerada como o principal presente. Voltamos do hospital um dia depois do aniversário da filhota e ela estava ansiosa para conhecer e segurar a maninha no colo.

Desde o primeiro momento, percebi que ali se estabelecia um precioso vínculo, mas não posso desconsiderar a intensidade do momento da chegada daquele novo serzinho em nosso lar. Tantos cuidados com uma recém-nascida e era notório que nossa filhota passava por um processo que se confundia entre a felicidade da chegada da maninha e o receio da perda de um espaço que, após demorar tanto pra que ela tivesse, pudesse ser perdido.

Minhas meninas têm dezessete anos de diferença de idade cronológica, mas, considerando as questões específicas do desenvolvimento da filhota, as questões comportamentais não

fazem jus à idade que ela tem. Além disso, temos o fato de a pequerrucha ter nascido quando a filhota estava na família apenas há um ano e quatro meses, ou seja, ainda vivendo um processo de adaptação após a adoção. Por essas questões, digo que fui mãe com o intervalo de um ano e quatro meses entre a chegada de cada filha, sendo que para cada uma tive que renascer, para tornar-me uma nova pessoa, uma mulher-mãe que aprendesse a lidar com cada situação.

No decorrer desses anos, desde o nascimento da pequerrucha, eu vivi uma constante organização de rotinas, sempre de forma a encaixar nos entretempos de mamadas, trocas de fraldas e todas as demais demandas da pequerrucha um tempo específico de cuidados para minha filhota.

Mesmo que toda a dedicação para dar conta da intensa rotina, que alguns meses depois também se somava à demanda do trabalho, tenha me custado um extremo desgaste físico e emocional, vejo que a forma como lidei com ambas favoreceu para que elas se aproximassem dia após dia.

Confesso que tive medo diversas vezes. Eu era a mãe que conhecia as limitações da Caroline e via a fragilidade da Ana Júlia, então ficava sempre por perto, com receio de que a mana não soubesse cuidar ou que, mesmo por ciúmes, tivesse reações negativas diante de sua maninha. Ah, mas quanto engano. O tempo me fez perceber que essa relação entre irmãs era algo que ia sendo estabelecido por elas e da forma delas.

Hoje, nas belas memórias que já guardo da relação entre minhas meninas, tenho as lembranças de uma pequerrucha se arrastando ou engatinhando para alcançar a mana que montava quebra-cabeças pelo chão. E é impossível esquecer que, logo nos primeiros passos, a pequena buscava incessantemente a sua mana.

Ah, mas elas não brigam como outros irmãos? Sim, às vezes temos algumas disputas, é verdade. Principalmente quando a pequerrucha pega alguma peça de quebra-cabeça que a mana está montando e sai correndo pela casa. Pode parecer impli-

cância para deixar a mana brava, mas o que vejo é a estratégia da maninha para tirar do quarto aquela com quem ela quer brincar de pega-pega.

Desde que nesta casa passamos a ver se constituir uma relação de irmãs, percebo que há muito amor e afeto entre elas. A mana não pode entrar no quarto para dormir antes de dar na maninha seu carinhoso abraço, que é correspondido pela pequena com o mais singelo “eu te amo”. Uma das primeiras frases que a pequerrucha aprendeu a falar, que ela escutava sempre da mana, e que logo passou a expressar para aquela que a ensinou.

Enquanto mãe, encho-me de alegria ao ver, entre minhas meninas, o mais belo e terno laço se constituindo.

Família, a nossa Fortaleza

Acredito que toda família tem aquelas pessoas que resolvem viver suas próprias aventuras e acabam indo morar longe. Na minha família, eu sou uma dessas pessoas. Dentre aquelas pessoas que cresceram juntas, brincando penduradas no pé de seriguela da casa da vovó, fui a primeira a sair de Fortaleza para morar em um local distante.

São quase dez anos desde que decidi peregrinar por terras do Sul do país. Morei em algumas diferentes cidades nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Adaptei-me bem à região, principalmente ao clima, mesmo que algumas estações tragam alguns desencantos. E já adianto que prefiro essa variação de climas, porque não curto viver o calor escaldante de Fortaleza em seus 365 dias do ano.

Enfim, acho que finalmente comecei a me firmar em um lugar. Caxias do Sul era a cidade onde eu desejava morar desde que me mudei para o Sul. Minhas andanças me permitiram conhecer lugares, pessoas e locais de trabalho dos quais guardo boas lembranças, porém foi em Caxias do Sul que decidi que ficaria por mais tempo.

Vai ser pra sempre? Não sei! Nunca vou voltar a residir no Ceará? É melhor nunca dizer nunca.

O que sei é que hoje considero que consigo ter e proporcionar para minhas meninas uma boa qualidade de vida nesta cidade. Minha filhota necessita do movimento e as caminhadas são realmente importantes, e eu não consigo imaginar proporcionar isso para ela em Fortaleza. E se eu decidisse ir para uma cidade no interior do Ceará, meu receio seria o de não conseguir oferecer os atendimentos terapêuticos que são tão importantes para ela.

Pois é, a vida é feita de escolhas. Hoje, a minha escolha é viver em um local onde me sinto segura, confortável, e saber que minhas filhas terão uma boa qualidade de vida.

O grande ônus de tudo isso é a saudade, é fato! A distância dos familiares às vezes me faz pensar se essa minha escolha atual realmente vai perdurar por toda a vida. A gente vai tentando diminuir a saudade com as videochamadas (bendita tecnologia) e com as mensagens, vai acompanhando o crescimento das crianças com a troca de fotografias e vídeos nos grupos familiares e nas redes sociais... É o que podemos fazer diante da realidade.

Algumas vezes é possível reduzir a distância e se dar ao luxo de aproveitar calorosos abraços em nossos momentos turista em minha querida terra natal.

E esses são os preciosos momentos que guardamos na memória. A alegria de celebrar a união, de receber abraços e beijos de cada um daqueles que enchem de coraçõezinhos cada publicação que a mamãe compartilha, de ver estampada nos rostinhos a felicidade dos pequenos quando finalmente se encontram, de se deliciar com feijão feito pela vovó e de ver de pertinho a titia tecendo lindas bonecas e bichinhos. Enfim, de sentir de perto esse amor que transborda e enche nossas vidas, fazendo com que, mesmo estando tão longe, tenhamos a nossa família como uma verdadeira Fortaleza.

MINHA FILHOTA



Uma identidade alicerçada nos afetos

No processo de adoção uma das coisas mais inquietantes para mim foi o de construção da identidade da minha filha. Claro, aos poucos ela foi se acostumando com a nova família, dia após dia reconhecendo os novos pais e demais familiares. No entanto, houve uma questão da identidade dela que foi muito marcante ao longo de todo o trâmite do processo de adoção, que durou longos três anos e meio: o próprio nome (no caso, sobrenome). Lembro que logo que soube da adoção, Caroline perguntou como ficaria o nome dela e eu expliquei que o sobrenome dela iria mudar para que ela tivesse o sobrenome da nossa família, mas que isso iria demorar.

Na escola, que era o espaço onde normalmente os professores exigiam assinaturas completas nas atividades, solicitei que ela pudesse assinar apenas com o primeiro nome em qualquer atividade, e isso foi bem aceito. E no cotidiano, quando qualquer pessoa perguntava o nome dela, ela passou a dizer o nome completo, mas já seguindo com a explicação da parte do nome que ia mudar.

Mas existe algo que fica imperceptível em meio a esse processo: parece que família para uma pessoa que chega para a

adoção é algo tão abstrato, tão impossível de ser concretizada, que encontrar espaço para que ela permitisse viver essa nova vida era nosso desafio diário.

Quando nossa menina chegou, rapidamente passou do encantamento e da euforia da adoção para uma resistência e conflitos de quem queria algo novo, mas da maneira antiga. Não foi nada fácil estabelecer com ela uma rotina para que ela pudesse compreender esse novo mundo, que parecia tão diferente daquilo que ela estava acostumada. Quando ela se estressava, insistia em dizer que queria voltar para a instituição de acolhimento, que não gostava da nossa casa, além da clássica fala de que não éramos os pais dela.

Li e ouvi várias vezes que filhos adotivos testam os pais, e foram muitos os testes conosco. Mas o que mais me incomodava era quando ela tinha atitudes que prejudicava a si ou a outras pessoas. Quando tentávamos conversar, a resposta era sempre “eu sou assim”, como uma referência ao que ela dizia ser a “doença” dela. Ao primeiro sinal de frustração ela se agarrava a essa fala como alguém que já em condições de caminhar não aceita soltar as muletas.

Diante dessas respostas, falei várias vezes que entendia a deficiência dela e que eu e o pai dela faríamos tudo para ajudá-la. Porém, eu listava todas as coisas que nada tinham a ver com a deficiência, que eram apenas comportamentos, e que poderiam mudar. Foi muito difícil desconstruir uma ideia que ela tinha sobre si, retirar aquelas “muletas” e fazê-la pensar que poderia agir de outra forma. Foram cerca de cinco meses muito difíceis até ela começar a mudar de comportamento, aceitar a nova vida e entender que queríamos ser os pais dela para sempre.

Logo na sequência, começamos a viver os preparativos para o nascimento da maninha. E quando Ana Júlia nasceu, essa questão da identidade ficou ainda mais latente em nossa filhota. Algumas vezes fomos chamados ao fórum para participar de audiências próprias do processo de adoção, e ela sempre

perguntava se já ia ganhar o sobrenome igual ao da pequerrucha. Ela percebia que a maninha ganhou os sobrenomes dos pais logo que nasceu e, devido à sua ansiedade, questionava por que tanta demora para ela mudar o sobrenome.

Enfim, com a finalização do processo de adoção, iniciamos uma saga para a mudança de toda a documentação. Na realidade ela até se divertiu a cada novo processo, que, para ela, significava também mais um passeio pela cidade.

No entanto, tenho que falar o quanto a questão identitária da minha filhota significou para mim após a finalização do processo de adoção. Já não há necessidade de andar a todo momento com um termo de guarda em mão, nem de ficar me explicando que sou a mãe adotiva, como quando ignoravam o termo que eu apresentava e chamavam pela mãe biológica. Afinal, somos mãe e filha, simples assim! Não é mais devida qualquer explicação, e mostrar para ela que em seus documentos é o meu nome que aparece faz com que ela perceba que cumpri a minha palavra quando disse que, mesmo diante de todos os desafios, ela seria minha filha e eu jamais desistiria dela.

Minha maior dedicação, ao longo de todo esse tempo, era mostrar que família não se definia apenas pelo que estava escrito em um documento, mas que importava muito mais o laço que conseguíamos fortalecer a cada dia. Compartilhando os mesmos sobrenomes, familiares e muito afeto, hoje, enfim, não resta dúvida de quem compõe a nossa família.

Os segredos que nos permitiram crescer

Na primeira vez em que vi a minha filha, na instituição de acolhimento, percebi que ela tinha algo diferente em relação às outras crianças. Como ela logo se aproximou de nós, pediu e saiu espalhando para todos que seríamos os dindos dela, ficamos encantados com aquela menina.

Com o passar do tempo, na relação de apadrinhamento, que logo evoluiu para uma adoção, fomos observando muitas coisas no seu comportamento. Sabíamos que ela tinha deficiência intelectual, inclusive conversamos com profissionais que a acompanhavam enquanto ela ainda vivia na instituição de acolhimento, recebemos laudos e receitas com toda aquela medicação que ela tomava. Porém, enquanto responsáveis legais, teríamos que decidir entre seguir um caminho similar àquele seguido até então ou fazer algo novo.

Um “não” à medicalização excessiva!

Resolvemos arriscar em propiciar a ela algo diferente, com terapias e verificação de toda aquela medicação que, desde a primeira vez que ela veio à minha casa, tanto me incomodava. Sabe aquele ditado popular que diz que a diferença entre o remédio e o veneno é a dose? Então, era esta a sensação que eu tinha: que a dose excessiva de remédios para tratar ansiedade e impulsividade só aumentava ainda mais essas condições.

Confesso que essa foi uma decisão complexa. Não podíamos simplesmente retirar medicação por conta própria, pois minha filha tomava remédios psiquiátricos há muitos anos e em alta dosagem. Além disso, considerando o histórico de acompanhamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ficamos receosos de procurar a rede pública de saúde e a orientação ser a manutenção da medicação, dosagem e, no futuro,

o risco de ampliação daquela medicalização que eu já pensava ser excessiva.

Aqui você pode estar pensando que eu posso ser um tanto presunçosa, que acho que sei mais do que médicos psiquiatras que estudaram tanto. Não, não sou! Sou apenas mãe e, considerando as responsabilidades que recaíam sobre mim — inclusive ao medicar diariamente minha menina —, coloquei-me no direito de questionar as prescrições que foram feitas quando eu nem sequer conhecia a minha filha.

Então decidi buscar uma médica psiquiatra que fizesse atendimento particular para verificar qual era a opinião sobre aquela situação e, desde a primeira consulta, ela já propôs a redução da medicação, por perceber que muitos dos comportamentos eram incompatíveis com as informações dos laudos e das medicações que minha filha tomava.

Ao longo de seis meses a psiquiatra foi ajustando a medicação e chegamos a cinco comprimidos diários. Muito, né!? Mas já era bem menos, se comparados aos quatorze que ela tomava diariamente. Seguimos ajustando a medicação, reduzindo os remédios e substituindo aqueles que a médica observava que não tinham os efeitos esperados por outros mais apropriados.

O tremor que a filhota tinha nas mãos desapareceu por completo, ela é capaz de servir-se sozinha e de segurar uma xícara pela manhã, coisas que eram impossíveis quando ela chegou em nossa família. Além disso, ela passou a ter uma tranquilidade até então nunca vista e um nível de atenção e de concentração que colocam em dúvida os resultados das avaliações neuropsicológicas.

Mas afinal, o que ela tem? A resposta é: não sei!

É isso! Eu não sei responder a essa pergunta porque a filhota nunca teve um diagnóstico específico. Buscamos várias formas de verificar (exames, testes neuropsicológicos, avaliações clínicas), mas até o momento não sabemos.

A busca por um diagnóstico não é, em si, a espera por uma CID, isto é, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, que deter-

mine a condição da minha filha e me faça usar como desculpa para algo, mas é uma busca para compreender como ajudá-la. O detalhe é que diagnósticos tardios são mais difíceis, ainda mais quando não se tem histórico da saúde da família biológica, das condições de nascimento, da primeira infância, dados estes que sempre constam nas anamneses.

Era estranho chegar aos atendimentos iniciais e apresentar um “não sei” a uma infinidade de perguntas, ao mesmo tempo em que eu apresentava com detalhe várias coisas que a filhota ia nos mostrando sobre como ela se comportava.

Ah, mas não é deficiência intelectual o que ela tem? Sim, a deficiência intelectual é a única coisa que fica evidente, mas até para isso não temos um quadro determinado, pois quando ela chegou, tinha uma dificuldade muito grande e, aos poucos, com os estímulos oferecidos, ela apresentou muita evolução, que já faz com que seja alterado o nível de deficiência, se compararmos o laudo que recebemos quando veio morar conosco. Então, até nisso, fica difícil definir se a deficiência intelectual é algo congênito ou se foi agravada pelas privações que ela passou.

Ter a confiança em um profissional médico é algo que considero realmente importante, e por isso decidi manter os atendimentos com a mesma médica mesmo depois que mudamos de cidade. Quando a filhota teve um agravamento em sua condição de saúde mental, a psiquiatra já conhecia o histórico dos três anos que antecederam, sabia como nossa menina tinha chegado e o quanto tinha evoluído, conseguindo assim fazer o devido diagnóstico para aquele quadro e indicar a medicação que realmente fizesse diferença. Aliás, de toda a medicação que minha filha tomava quando chegou para morar conosco, ela segue com apenas um comprimido, e todos os demais treze comprimidos de diversos outros medicamentos foram substituídos pela dose correta da medicação que ela efetivamente precisa.

Além disso, houve muita orientação em relação à alimentação, à hidratação, à complementação vitamínica e às ativida-

des físicas que realmente fariam um diferencial na saúde em geral da minha menina.

Trilhando o caminho terapêutico

Não bastava reduzir a medicação — que era forma de tratamento que ela recebia —, era necessário procurar outras alternativas. E, para proporcionar estímulos, investimos em terapias (fonoterapia, psicoterapia, cinoterapia associada ao trabalho com a psicopedagoga e terapia ocupacional).

Enfim, estávamos dispostos a tentar algo novo e ficamos felizes em ver que tivemos resultados positivos no desenvolvimento da nossa menina. Além de todos os benefícios que as práticas terapêuticas trouxeram, temos que falar da importância do afeto gerado com algumas profissionais que nos atenderam. Minha menina ficava animada e contava os dias da semana para cada atendimento.

Veza ou outra, Caroline fala: “Eu tenho tanta saudade da fono!” Eu acolho e reforço o quanto foi bom aquele tempo de atendimento, afinal, foram dois anos e cinco meses de atendimentos com a fonoaudióloga até que aquele ciclo fosse encerrado.

Quando nossa filhota chegou, era realmente muito difícil compreender a fala dela, tanto pela dificuldade que ela tinha em pronunciar diversos fonemas quanto pelo vocabulário limitado que não a permitia organizar as ideias e estruturar a fala de uma forma lógica e compreensível a outras pessoas.

Lembro bem da minha primeira conversa com a fonoaudióloga, logo após ela fazer o atendimento inicial com a minha menina. Ela me falou que não tinha como fazer uma estimativa do tempo necessário para o atendimento e que tinha a questão da idade que talvez impedisse alguns avanços. Eu só pedi para tentar, para esperar o tempo dela e garantir na agenda horários para atendimento.

Com a pandemia, os atendimentos foram suspensos por algumas semanas e depois tentamos fazer de forma remota.

Deu certo! E, com nossa mudança de cidade, seguimos por mais de um ano nesse atendimento remoto. Nossa menina avançou muito, aprendeu a pronunciar corretamente as palavras, e, quando erra, ou ela mesma se corrige ou basta avisarmos que tem algo errado para ela tentar falar novamente de forma correta. O vocabulário foi enriquecido e, assim, ela teve melhor estruturação das ideias, que passaram a ser expressas em frases mais elaboradas.

Além do atendimento fonoaudiológico, o atendimento psicopedagógico também foi muito importante para minha filha. Em um primeiro momento, o atendimento tornou-se ainda mais especial por contar com a participação da Canjica, a cadela de terapia. E é claro que, em meio às memórias afetivas da minha menina, vez ou outra ela fala: “Ah, eu gostava tanto da Canjica!” Com a pandemia, o atendimento também passou a ser remoto, já não contando com a participação da cadela, mas também tivemos bons resultados com as atividades propostas pela psicopedagoga naquele período.

O trabalho dessas duas primeiras profissionais, associado ao auxílio que eu prestava em casa, fizeram toda a diferença para que minha menina fosse realmente alfabetizada, afinal, com tantos sons, palavras e frases se estruturando naquela cabecinha, eis que o mundo das letras, lidas e escritas tornou-se acessível. Aprender a ler e a escrever, para mim, foi uma das conquistas mais significativas da nossa menina, que lê qualquer tipo de formato de letra e escreve com uma linda letra cursiva.

Tivemos uma fase delicada de saúde e, após esse período, eu busquei uma nova profissional para também fazer atendimento fonoaudiológico e psicopedagógico. Minha menina amou e também fala da saudade que tem daquela profissional.

Como se vê, não foram apenas de atendimentos técnicos, houve todo um cuidado de cada profissional em criar vínculo, preparar atividades diversas, olhando para as necessidades dela e respeitando o tempo de atenção e de concentração da minha menina.

Eu olhava para ela e via nela dificuldades advindas de uma privação cultural, que agravaram a situação da deficiência intelectual, e por isso o empenho em buscar oferecer à minha filha aquilo que lhe faltou. Conseguimos oferecer tudo o que ela precisa? Infelizmente, nem sempre. Principalmente pelo fato de que o investimento financeiro para arcar com todos esses atendimentos é realmente significativo.

Por um tempo foi possível oferecer os atendimentos particulares e vimos o quanto isso foi positivo para torná-la cada dia mais autônoma, mesmo diante de suas necessidades. Atualmente já não dispomos dos mesmos recursos, porém não deixamos de buscar alternativas que continuem a prover à filhota uma melhor qualidade de vida.

Regras!

Esta palavra era um problema para nossa filhota. No início, cada tentativa de estabelecer uma regra era seguida de um escândalo. Qual o segredo para conseguir superar esse problema? Fomos firmes em estabelecer e em cumprir as regras. As regras sempre foram claras, repetidas várias vezes, e nunca voltamos atrás daquilo que tínhamos estabelecido.

Sei que para muitos isso pode parecer rígido demais. O detalhe é que não adiantava a menina passar por tantas avaliações de profissionais de saúde mental, que reforçam a importância de haver regras bem estabelecidas para evitar os perigos em que ela se colocava, e depois os pais não fazerem nada para colocar essa orientação em prática.

A grande dificuldade da nossa menina era controlar seus impulsos, e, com isso, ela se colocava em perigo. Então tivemos que ser os freios externos, já que a cabecinha dela não conseguia compreender os riscos que algumas ações representavam.

Tivemos ainda que ensinar o significado da palavra “não”. Sei que muitas pessoas acreditam mais em uma orientação positiva que evite o uso do “não”. No entanto, no caso da nossa

menina, em que a noção de perigo inexistia, o caminho a seguir era realmente com essa poderosa palavrinha. Foi cansativo e tivemos escândalos a cada “não” e a cada “espera”, mas essa fase desgastante também passou. Com as regras estabelecidas e compreendidas, passamos para a fase em que a autonomia passou a ser vivenciada por nossa menina.

Sim, cada conquista mostra o quanto nossa menina se desenvolveu e o quanto a dedicação dos pais também foi importante para ela, o que propiciou também em nós o amadurecimento.

Com carinhas, letras e botões, tecemos emoções

Tempo, como é bom perceber que você passa. Como é bom olhar para ti, Senhor Tempo, observar-te no passado e ali buscar nossas belas memórias. Como é bom viver intensamente em ti a dádiva do presente, e como é bom olhar no horizonte e pensar que ali também estarás. E o que lá espero de ti? Espero ver vida, crescimento, desenvolvimento e, em meio a tudo isso, guardar mais lembranças do que hoje está no presente, mas que em breve se tornará desnecessário.

Ainda no período do Apadrinhamento Afetivo, percebemos que a nossa menina não sabia muitas coisas para a idade dela, mas ao mesmo tempo notamos que ela aprendia dependendo da forma como alguma coisa era explicada.

Assim que recebemos a guarda provisória, fizemos a transferência de escola e agendamento de alguns atendimentos terapêuticos que consideramos importantes. No entanto, sabíamos que ela necessitava de reforço em casa para fixar aquilo que estudava.

Caroline chegou com um nível de escrita pré-silábico e resistia muito a qualquer tentativa de escrita. Se era necessário corrigir algo, só meu movimento para alcançar a borracha já era motivo para início de um escândalo.

Então, as primeiras coisas que confeccionei foram letras e números móveis. No início ela se recusou a usar, porque dizia que era coisa de criança. Com muita conversa, consegui convencê-la que seria mais fácil e rápido montar a palavra e depois só copiar, pois assim não precisaria apagar nada. Ela aceitou, começou a avançar na escrita montando palavras e depois logo avançou para montagem de frases.

Foi nesse momento que busquei auxílio dos preciosos botões. Como assim, botões? Primeiro quero dizer que nossa relação

com os botões não foi tão amistosa assim desde a chegada de nossa menina; sua dificuldade em lidar com esses pequenos objetos nas roupas causava-lhe grande estresse e não foram poucas as vezes que eles resultaram arrancados e jogados bem longe. Enfim, com muito auxílio, ela aprendeu a lidar com esses pequenos objetos ao se vestir, que passaram a não ser mais motivo de aversão.

Quando eu já não sabia como auxiliar minha filhota na construção de frases, eis que olhei para botões guardados em uma caixinha de materiais para artesanato. Decidi então usar esses materiais para auxiliar minha menina na escrita das frases. Na realidade, os botões serviram como recurso de memória somente para que ela pudesse associar cada palavra a um objeto concreto e, assim, perceber que se havia cinco botões para a frase que havia pensado, não era possível representar a frase com apenas uma palavra.

Levou um tempo, é fato! Mas, aos poucos, aqueles botões azuis, brancos e vermelhos tornaram-se nossos fiéis companheiros. Foi assim que ela aprendeu a organizar frases, com auxílio desses pequenos objetos, e, com o tempo, ela já conseguia estruturar em seu pensamento o que falava e escrever no papel sem precisar do auxílio dos botões. Dessa maneira, com ela segura em sua escrita, e escrevendo diretamente no papel, é que aposentamos as letras móveis e os preciosos botões.

Também dediquei tempo desenhando e recortando várias carinhas para a tabela de incentivos que usamos por cerca de oito meses. Foi um recurso muito útil para ajudá-la a compreender seu comportamento e tudo o que nos deixava felizes ou tristes. Mas as carinhas também foram guardadas, pois rapidamente se tornaram desnecessárias.

Ah, mas que trabalho! Era um trabalho que nunca tinha certeza se ia funcionar, é verdade, mas que mesmo assim eu arriscava, pois pensava que algo diferente precisava ser tentado. Se ela não conseguia aprender da forma tradicional de ensinar, por que não tentar ensiná-la de uma forma diferente e, assim, descobrir se era a melhor forma de ela aprender?

Ao fim, já não me recordo do trabalho dedicado na confecção dos materiais. O que de fato guardo são as lembranças das conquistas, dos sorrisos estampados no rosto e de cada “viu, mãe, eu consegui!”

Ver o meu trabalho manual ser deixado de lado não é para mim algo negativo. É gratificante ver que aquele processo foi encerrado, que hoje já estamos em um futuro, colhendo os resultados do crescimento e do desenvolvimento da nossa menina e olhando para aquele passado, vendo nas lembranças o que hoje é desnecessário, o material que já teve seu papel cumprido.

A escola...

Momento de escrever o que talvez seja o meu texto mais polêmico: a escola...

Sim, aqui trago a escola como um substantivo definido, por reconhecer a importância deste espaço, que é meu chão profissional, e por afirmar que tenho o desejo de que haja uma inclusão real de todas as pessoas, independentemente de suas condições. E trago também as reticências, para representar as interrupções das nossas relações com a escola, tenham sido estas interrupções causadas pela pandemia ou por todo o contexto que nos cercou nesses últimos anos e que me fizeram decidir por essa pausa.

Primeiro tenho que trazer à tona a polêmica que, originalmente, eu trazia como foco deste texto: o ensino domiciliar. Entendo toda a importância da escola e que, para algumas crianças e adolescentes, estar fora deste espaço pode significar prejuízos ao seu desenvolvimento intelectual, físico e emocional. No entanto, para a minha filha, estudar em casa, quando a pandemia nos tornou reclusos em nossos lares, tornou-se mais positivo em seu processo de escolarização.

Como assim, justamente quando a pessoa não pode ir para a escola, devido à pandemia, a escolarização é positiva?

É que nossa filha, por motivos que desconhecemos antes da adoção, não teve as mesmas oportunidades que outras pessoas que estavam em sua faixa etária escolar. Além disso, ela tem deficiência intelectual, o que já necessitaria de uma proposta diferenciada para que pudesse aprender.

Quando ela chegou, a escola não era uma opção de não ir, afinal, não podíamos arriscar perder a guarda por negligência, mas os primeiros meses foram realmente muito difíceis — fossem as diárias reclamações vindas da escola, os escândalos que ela fazia para não estudar ou as situações mais delicadas

que culminaram em fugas do espaço escolar. As coisas na escola só se acalmaram quando, finalmente, fui autorizada a ficar com ela em sala de aula; antes disso eu ficava de plantão do lado de fora da escola em todo o período de aula.

Não há um culpado para o que acontecia na escola, ela apenas não conseguia ficar “sozinha” naquele espaço; e quando comecei a acompanhá-la em sala de aula é que percebi o quanto ficava solitária vendo seus colegas estudando enquanto ela não entendia absolutamente nada. Já em casa, com a pandemia, iniciamos os atendimentos online com a fonoaudióloga e a psicopedagoga, e, ao longo da semana, eu ia auxiliando nas atividades dessas profissionais.

Eu realmente não consegui fazer muita coisa focando na escola em 2020; chegou um momento em que, para o bem da minha sanidade mental, decidi ignorar aquela plataforma escolar. Sim, eu decidi que não iria ficar surtando ao ver tanto material para a turma da minha filha e nada adaptado para ela. Hoje eu reconheço que minha frustração naquela hora se agravava pela minha fragilidade diante de todas as dificuldades com as quais tive que lidar durante a gestação da minha segunda filha, depois o meu longo puerpério, além de toda ansiedade que estava vivendo por conta da pandemia.

Acabei priorizando os atendimentos com a fonoaudióloga e a terapeuta ocupacional, e, ao final do ano, fotografei o caderno com as atividades terapêuticas; a escola que aceitasse, para o bem de todos. Mesmo que eu saiba que não estava bem, também sou racional, de modo que reconheço que não era eu quem tinha que ficar fazendo tudo para que minha filha fosse incluída.

Foi com auxílio, então, dos atendimentos terapêuticos que seguimos com o processo de leitura e escrita que ela já tinha iniciado em 2019 e que foi aprimorando ao longo de 2020. Em 2021, já com a rotina mais organizada com a bebê, decidi retomar o auxílio às atividades escolares da filhota. No ensino remoto, entretanto, parecia que tinham esquecido que minha

filha fazia parte da turma e que, para ela, era necessário adaptar as atividades. Eu já tinha sentido isso em 2020, mas naquele momento não tinha condições de ir à luta.

No primeiro mês de aula de 2021 eu adaptei cada atividade enviada na plataforma e enviava duas ou três mensagens aos professores pedindo adaptações e me colocando à disposição para pensarmos juntos. Foi um mês de espera até eu receber retorno, até verem todas as atividades com fotos e vídeos e até perceberem que eu adaptava e auxiliava minha filha para que ela fizesse as tarefas.

O que vivenciamos no ensino remoto não foi diferente do que ocorreu presencialmente em 2019. Naquele momento, fui eu a pessoa a adaptar ou a auxiliar os professores na adaptação das atividades na escola. Eu entendo que para os professores o caso dela era algo singular e eles simplesmente não sabiam o que fazer por ela.

Quando alguns professores começaram a enviar atividades adaptadas, tivemos avanços na aprendizagem da minha menina. Porém, ainda fiquei frustrada com as situações em que percebi que Caroline seguia invisível.

Olha, não é fácil para mim, que sempre amei o espaço escolar, a ponto de querer trabalhar em instituições de ensino, chegar à conclusão de que este espaço ainda não está preparado para receber minha filha. Mesmo assim, segui até quando aguentei a louca rotina de cuidar de uma casa, de uma bebê, de uma menina que precisava de auxílio em suas atividades escolares e terapêuticas e do trabalho.

Óbvio que, em dado momento, eu não dei mais conta, e reconheço que foi Caroline a pessoa que mais saiu prejudicada, pois eu já não conseguia acompanhá-la. Além disso, não conseguia proporcionar os estímulos que ela necessitava e também estava com recursos limitados, sem conseguir ampliar nossa rede de apoio que a pudesse auxiliar em suas necessidades.

Quando o ensino fundamental foi concluído, ainda no ensino remoto, tivemos o agravamento do quadro de saúde

mental de nossa menina, e, por esse motivo, decidi que ainda não era o tempo de colocá-la no ensino médio.

2022 foi um ano difícil, e, depois de muito resistir, busquei apoio em uma instituição especializada para que minha filha voltasse a ter espaço de convivência com outras pessoas e também receber estímulos que eu, sozinha, já não poderia propiciar. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) tem sido, para minha surpresa, um bom espaço para isso.

Ela segue falando que quer voltar para a escola. E eu, uma defensora da educação inclusiva, acolho o que minha menina pede e digo que quando ela estiver em melhores condições, e com maior maturidade, poderemos, sim, atender a mais esse pedido.

Quando eu não conseguir te proteger...

Um dia, enquanto eu servia o jantar, um copo caiu no chão e quebrou. Foi o momento mais tranquilo daquele meu dia.

Foi tranquilo porque a pequerrucha ficou paradinha onde estava, esperando alguém pegá-la no colo, afinal, copos quebram com certa frequência em casa e ela já sabe o que fazer. A filhota, que estava brincando de bola na varanda, entrou quando ouviu o barulho, pegou a maninha no colo e a levou para o sofá. Elas ficaram brincando enquanto eu juntava os cacos de vidro, que estavam mais inteiros do que eu estava naquela hora.

Aquele dia tinha tudo para ser considerado muito bom. Tinha sido ensolarado, com um clima agradável, e eu consegui fazer quase tudo que estava na minha lista de tarefas, mas logo pela manhã alguém — que talvez estivesse tendo um dia não tão bom — tratou mal a minha filhota, e isso me deixou arrasada.

Tudo o que eu tinha pra fazer (e fiz) foi realizado com muito esforço e regado a muitas lágrimas, que acredito que serviram de tempero para a comida.

Eu sei que vou ter que aprender a lidar com as situações em que não consigo proteger as meninas, mas naquele dia eu não sabia o que fazer; apenas as trouxe de volta para casa, desviei o foco da rua, mesmo que elas quisessem ir lá fora aproveitar o dia de sol, e de mim mesma, que ficava me escondendo pra chorar.

Fazia tempo que eu não chorava tanto, mas aquela gota d'água se transformou em um dilúvio para mim. E talvez tenha se tornado um dilúvio porque na realidade eu já estava sobrecarregada física e emocionalmente e qualquer coisa que viesse de fora seria motivo pra me fazer desabar.

Enfim, o que eu percebo é o quão limitada eu sou. E mesmo que todos os meus pensamentos e ações sejam para o

bem-estar das minhas meninas, nem sempre conseguirei definir como as coisas vão acontecer.

Posso investir o que for possível em tratamento médico, medicamentos e terapias, mas se minha filha precisar de internação clínica eu não tenho como saber o real tratamento que ela recebe. E, assim como já aconteceu, frustrar-me por pensar que, mesmo que eu estivesse em desespero por não conseguir atender mais os cuidados para sua saúde mental, parecia que a minha casa era mais segura do que o local onde ela ficou internada.

Posso contratar pessoas para me auxiliarem e posso dar todas as orientações quanto à rotina, à alimentação, à higiene, aos passeios até a pracinha e às restrições, mas enquanto não estou em casa, não sei de fato o que se passa com minha menina.

Posso acompanhá-la em nossas caminhadas cotidianas, explicar mais sobre a cidade, seus encantos e também seus perigos, mas quando ela não estiver bem e, de alguma forma, se distanciar de qualquer dos seus cuidadores, não terei como garantir sua segurança na rua. E também não saberei o que de fato se passou enquanto ela ficou vagando pelas ruas.

Posso fazer os ajustes necessários para deixar minha casa segura, mas tudo o que eu fizer só vai funcionar aqui, nesse nosso mundinho. Lá fora as regras são outras e, infelizmente, nem todo mundo vai perceber que minha menina tem uma deficiência “invisível” e que requer cuidados.

Naquele dia eu chorei, por frustração, cansaço e temor pelo que Caroline pode viver quando eu não puder protegê-la. Ainda preciso aprender a lidar com meus sentimentos, é fato, para que eu consiga me redirecionar, quando o caos resolver tomar conta da minha vida.

Naquele dia, em que os cacos de vidro de um copo quebrado pareciam mais inteiros que meu ser, o dilúvio veio somente por uma gota d’água, em razão de alguém que não estava bem o suficiente para escutar minha menina apenas dizer: «Seu cachorrinho é muito fofinho!»

MINHA PEQUERRUCHA



Nosso mundo: entre o meu seio e o seu olhar

Segunda-feira, 21 de setembro de 2020, 5h24, um choro forte!

Sim, você chegou! Nasceu minha pequerrucha e nasceu, pela segunda vez, uma mãe.

Porém essa mãe nascia pela primeira vez para um bebê e precisava aprender a cuidar, a amamentar e a lidar com os sentimentos confusos que surgiam naquele momento.

Da minha parte, teve dor, teve medo e teve choro.

Da sua parte, teve uma busca incansável pelo tetê e teve choro, muito choro, também.

Quando o leite faltava, a mamãe mais uma vez temia e mais uma vez chorava.

De repente, aquela menina tão proativa e aquela mulher tão decidida diante das escolhas da vida não sabia o que fazer e simplesmente chorava, como se tentasse se comunicar da mesma forma como sua bebê fazia.

O primeiro mês foi realmente muito difícil. Segura direito, arruma a pega, muda de seio, estimula com a bombinha. Quanta coisa que eu não sabia como fazer, mas o mais incrível é que você, tão pequena e indefesa, simplesmente sabia.

Minha pequerrucha buscava o peito, sugava com intensidade o precioso leitinho e, com seu olhar, me tranquilizava.

Que olhar era aquele? Não consigo esquecer o encanto que sentia a cada vez que, agarrada ao meu seio, segurando firme minha mão, você me olhava com doçura, como quem dizia “é só disso que preciso agora” e que estava tão segura naquele nosso mundo, até que relaxada, ainda mamando, começava a fechar os olhos e adormecia.

Os meses foram passando e amamentar já não era uma atividade tão penosa. Tínhamos nos entendido, mãe e filha, e definido que aquele momento seria sagrado, sem interrupções; sempre que você desejasse pela amamentação, eu te nutriria.

E durante seus primeiros meses, de forma exclusiva, seus choros indicavam o que queria, e assim, enquanto em meu seio eu te alimentava, o seu olhar em direção ao meu criava um vínculo que, dia após dia, se fortalecia.

Ah, crescer faz parte e uma nova etapa viria, mesmo assim, isso não nos fez romper aquele elo, pois a amamentação ainda representava apego, aconchego, segurança nesta linda jornada de mãe e filha.

Não vou esquecer do seu primeiro dia na escolinha, aos dezesseis meses (um ano e quatro meses). A caminhada, como em um passeio animado, a chegada àquele lugar e, de repente, o estranhamento ao ter que se despedir da mamãe, de quem nunca tinha ficado longe. Uma hora depois, naquele primeiro dia de adaptação, o reencontro foi novamente marcado pelo choro, e dessa vez uma pequena decidida do que precisava para liberar toda sua angústia daquela interminável hora de separação. Sim, eis que ali, ao mamar em meu seio e olhar para mim, você redescobriu sua fonte de aconchego e percebeu que, mesmo que em alguns momentos estivéssemos distantes, mamãe sempre retornaria e, mais uma vez, em meu seio, o nosso apego eu nutriria.

Foram lindos vinte meses (um ano e oito meses)! Eu queria que tivesse sido mais, é verdade. Entretanto, entendi que chega uma hora em que é preciso respeitar os nossos limites para realmente oferecer o melhor. Quando percebi que não estava bem e que você já poderia se despedir do tetê, fui explicando que o tetê precisava descansar. Você, tão compreensiva como sempre, deixou o tetê, mas em nenhum momento deixou de lado o vínculo especial criado por seu olhar.

O colorido do varal

Dois anos e meio se passaram e o colorido do varal vai, aos poucos, reduzindo. Porém como não lembrar com amor uma das experiências mais marcantes do meu maternar?

Eu já era mãe, mas minha primeira filha chegara adolescente pela via da adoção. Então, ao gestar pela primeira vez, percebi que havia um novo mundo a conhecer.

Quando fiquei grávida, decidi que usaria em minha bebê as fraldas ecológicas. Troquei inúmeras informações com uma amiga, que, também gestante à época, decidiu repetir a experiência que já tinha dado certo com o seu primogênito. Eu precisava entender como seria a logística do processo, mas minha amiga me mostrou o caminho das pedras e encontrar as informações já foi algo bem mais fácil.

Claro, não faltaram pessoas céticas, trazendo aquele olhar desconfiado, dizendo que ia dar muito trabalho, que não ia funcionar, que seria impossível dar conta desse uso no frio da serra gaúcha, que eu iria desistir e me render ao uso de fraldas descartáveis, que há muito tempo é a opção feita por muitas famílias.

Não foi fácil convencer as outras pessoas sobre minha decisão. No entanto, uma das coisas mais importantes nesse processo foi perceber que eu estava olhando para mim, respeitando a minha escolha. Sim, a escolha era minha e nisso eu digo com orgulho que eu era a mãe pensando no que achava melhor para a minha bebê.

Se você pensa que essa é uma ideia de alguém com uma *vibe* alternativa ou ambientalista, posso dizer que talvez tenha razão — e não era à toa que o descartável não era uma opção. Minha formação de geógrafa me induz a olhar para o mundo e enxergá-lo como nossa casa. E, se eu posso fazer um pouquinho para que sejam gastos menos recursos com a produção de fraldas, para que haja menos lixo após o uso e que isso ainda propicie a geração de renda entre mulheres empreendedoras, por que não?

Aqui, trago apenas o registro daquilo que me gera boas memórias e que, positivamente, está atravessado por colaborações que

surgiram de outrem ou mesmo de informações que busquei nesse caminho que me desafiei a percorrer dia após dia, e que, já em vias de despedidas, significou para mim cuidado, afeto e alegria.

De forma alguma quero aqui impor a minha vontade, afirmando ser essa a melhor alternativa ou o que há de correto a ser feito. Uma coisa que aprendi desde meu primeiro momento como mãe é que nossas decisões estão pautadas naquilo que pensamos ser o melhor para nossos filhos e que se ajustam à condição da família. Não estou aqui para criticar as escolhas que da minha diferem, mas os resultados sobre os benefícios ecológicos, econômicos e de saúde das pesquisas que fiz sobre este importante item do enxoval da minha pequena me fizeram ficar firme e adentrar a este mundo do bumbum de pano.

Às vezes era necessário apresentar respostas mais fundamentadas para justificar que o consumo de água em minha casa não iria acabar com todo o recurso hídrico do planeta. Ou apenas dizer que, assim como eu teria que lavar as roupinhas, as fraldinhas também iriam para a máquina e não seria isso que representaria uma sobrecarga em minha vida.

E, decidida, eu vivi uma fase de cores e significados em meu maternar. Não eram meras estampas coloridas. Enquanto a filhota e eu passeávamos pelo site de compras, íamos olhando tudo o que achávamos bonito, e era, para mim, impossível não me expressar diante de tudo o que eu via: “Ah, eu preciso da fralda de cactos, lembra tanto meu Nordeste!”; “Eu amo azul, então os gatinhos serão nessa cor!”; “Música e dança fazem bem pra alma, quero as estampas que possam representar essa alegria”; “Ah, olhando a previsão de nascimento, teremos uma virginiana nessa casa!”

E de repente eu, que nem ligava pra esse negócio de signo, escolhia a fraldinha do signo de virgem e que, depois, ficava angustiada porque a bebê passou da data prevista para o parto — se esperasse mais dois dias, seria mais uma libriana na casa. 21 de setembro! Ufa, nasceu! E a fralda está com o signo correto. E, desde o primeiro instante, ainda na maternidade, Ana Júlia se tornou um bumbum de pano.

Agora era o momento de ver como seria na realidade lidar com as fraldinhas. E o que aconteceu na realidade foi que cuidar das fraldinhas tornou-se um exercício terapêutico. Pode parecer bobo, eu sei, mas a menina que um dia tinha como hobby passar horas lendo livros, ou aquela mulher que amava tanto viajar, de repente se via com os hormônios à flor da pele, sem saber exatamente o que fazer para cuidar devidamente da sua bebê, e, quando aquele serzinho dormia, ia, feliz da vida, separar, lavar, colorir o varal ou organizar fraldinhas para os próximos usos.

Mais terapêutico ainda foram as trocas realizadas com outras mães que optaram pela mesma experiência. Era como uma rede materna de apoio que se construía, de longe e de forma virtual, no auge da pandemia.

Enfim, se posso resumir minha experiência, digo que as fraldinhas ecológicas, além de terem me propiciado uma significativa economia — e nunca terem causado qualquer problema das temidas assaduras, tão comuns ao mundo do descartável —, também coloriram fortemente nossas vidas, fosse quando a pequena estava por aí desfilando com suas fraldinhas, fosse quando estavam penduradas no varal parecendo bandeirinhas.

O varal, pouco a pouco, está menos colorido, eu sei. Mas isso não é algo ruim, afinal de contas, crescer e se desenvolver faz parte do processo. Por dois anos e quatro meses minha pequerrucha teve uso quase exclusivo de fraldas ecológicas. Em casa e na escolinha ela foi acompanhada pelas mesmas trinta e seis coloridas fraldinhas que usara desde a maternidade e que, ao longo de seu crescimento, iam sendo devidamente ajustadas.

Hoje, as fraldinhas antes usadas durante o dia já foram deixadas de lado. E, agora, de repente soa um alarme falando “xixi!” e minha pequerrucha vai, alegre, usar o seu troninho. À noite, ela ainda é acompanhada por esse lindo colorido.

Tenho que ser sincera: com menos fraldas para lavar, sobra-me um pouquinho mais de tempo, que agora dedico a uma outra importante terapia — brincar com a minha menininha.

Entre cores, sabores e texturas

180 dias! Sabe o que isso significa?

Ah, é o tempo para licença-maternidade de uma servidora pública. Hora de trabalhar, então! Já usufruiu muito desse tempo e tem que voltar a produzir, já que o povo segue te pagando com seus impostos.

Tenho que concordar! Usufruí com alegria cada um dos meus 180 dias de licença-maternidade, assim como já tinha usufruído com alegria e dedicação cada um dos 180 dias de licença à adotante. Ao povo, no qual eu mesma me incluo, meus agradecimentos por proporcionar que minhas filhas tivessem a dedicação exclusiva da mãe para seus cuidados neste período tão intenso de adaptação ao chegarem à família. Afinal, não é simples chegar em uma família carregada de bagagens emocionais, ou mesmo sair do forninho sem saber como se comunicar.

Mas sabe o que também representa esses 180 dias?

Diante dos estudos para meu maternar — pois não nasci sabendo ser mãe —, busquei informações para lidar melhor com as novas etapas que surgiam e descobri que um bebê leva os seus primeiros seis meses de vida desenvolvendo seus órgãos internos para que finalmente possa receber alimentos sólidos.

Dessa forma, quando chegou aos seis meses, minha pequerrucha e eu iniciamos a transição para uma nova etapa de nossas vidas. O tetê já não seria a fonte exclusiva e, gradativamente, ela começaria a receber outros alimentos. E mesmo que a amamentação seguisse como principal alimento até o primeiro ano de vida, iniciar a introdução alimentar era algo necessário.

Fui buscar informação e optei pelo método BLW (*Baby-Lead Weaning*, ou desmame guiado pelo bebê), pensando que seria a forma mais apropriada para que o desmame pudesse, como o nome sugere, ser realmente guiado por minha pequer-

rucha. E os dias e meses que se seguiram foram repletos de muita bagunça e ansiedade, é verdade.

De um lado eu tinha uma neném pegando, amassando, jogando, levando à boca aqueles alimentos; do outro lado estava eu, ansiosa para saber o que ela tinha achado daquele novo alimento. Eu ia estudando, testando novas formas de apresentar cada alimento, introduzindo diferentes grupos alimentares e cuidando para evitar os alimentos não apropriados em cada etapa, tanto para evitar engasgos quanto para evitar a seletividade alimentar de forma precoce.

Para minha alegria, o método escolhido funcionou bem para nossa realidade. Minha pequerrucha se divertia bastante com as cores, os sabores e as texturas. Vez ou outra ela recusava, é verdade. Mas quem nunca recusou determinado alimento ou, diante de um self-service, não optou por aqueles que mais gostava?

A mamãe não desistia diante das recusas, mas seguia com as ofertas, e, pouco a pouco, a introdução alimentar foi sendo cada vez mais efetivada. Ana Júlia aceitava bem os alimentos, ao mesmo tempo que diminuía cada vez mais a demanda das mamadas, bem como ia aprimorando a pega dos alimentos com as mãos e depois com os talheres.

Uma criança de um ano e quatro meses usando colher, sozinha? Não, mãezinha, isso não é possível, já que ela ainda nem vai conseguir fazer o movimento necessário para levar a colher até a boca. Elementar, minha cara diretora! Os vídeos enviados eram a prova de que a pequerrucha se alimentava muito bem sozinha, e isso era uma boa notícia para a professora, que não teria esse trabalho.

Com o tempo, chegou o momento de se despedir do tetê, mas a pequerrucha estava tão bem nessa sua autonomia com a alimentação que a mamãe ficou realmente tranquila.

Até hoje não tivemos nenhum indício de seletividade alimentar. Se há um risco que corremos é o de ficar sem brócolis, couve-flor, pepino e tomate antes mesmo que a refeição seja

servida, porque quando duas pequenas mãozinhas alcançam a mesa, a pequerrucha faz aquela folia.

E isso deixa a mamãe feliz por também ter seguido a orientação de deixar a pequena por mais de dois anos sem os açúcares industrializados. Novas cores, texturas e sabores seguem sendo apresentados para minha pequena a cada novo alimento, e se ela segue se alimentando de forma saudável, perguntando se pode comer antes que chegue a algo que ainda não conhece, faz-me ficar feliz com o resultado desta fase tão preciosa.

Posso dizer que a introdução alimentar foi mais uma fase colorida que vivenciei em meu maternar. Foi uma fase de muita dedicação, é fato, uma fase de entrega, de estar ao lado, apresentando cada alimento, acompanhando cada momento de refeição. Mas, para além disso, foi mais uma forma de fortalecer ainda mais o nosso vínculo.

Falar, cantar, rir, chorar e gritar: eu quero me expressar!

Desde o primeiro momento, minha pequerrucha se comunicava. O seu choro foi, por muito tempo, a principal forma de expressão daquela bebezinha que, ou estava com fome, ou com a fralda suja, ou se sentia insegura, ou queria o aconchego no colinho da mamãe.

Claro, no início não era assim tão simples. Às vezes a mãe não entendia o que cada choro representava e isso até causava certa angústia. Mas aos poucos fomos nos entendendo e, com o passar do tempo, eis que a pequerrucha começou a desenvolver a sua comunicação, e, no início de uma tentativa de comunicação mais elaborada, surgiram os balbucios e gostosas risadas.

Por volta do primeiro aninho, algumas palavrinhas começaram a surgir. Uma foram fáceis de compreender: “mamã”, “papá”, “mamá”, “nenê”, “aba”. Tinham outras que a mãe levou um tempo até identificar o significado: “emê”, que eu jurava que significava ameixa, porque ela amava comer ameixa, mas depois descobri que significava comer, porque ela começou a falar emê também quando queria outros alimentos. Mas as palavrinhas, antes soltas, começaram a se unir para formar pequenas frases: “nenê qué aba”, “nenê qué mamá”.

O vocabulário ia crescendo e eu ficava tranquila com aquela evolução. Sempre estimei a fala, conversando e cantando muito com e para a pequerrucha. Além disso, tinha o fator que penso que também favoreceu: eu precisava seguir com auxílio para que a mana falasse corretamente, tal como aprendeu com a fono.

Aliás, às vezes penso que Ana Júlia teve um superestímulo, porque por mais de um ano ela acompanhou os atendimentos fonoaudiológicos da Caroline, que ocorriam de forma remota, e sempre estava conosco nas horas de treino das atividades da fono. Acho que aquele ouvidinho foi bem estimulado e, quando ela esta-

va preparada pra começar a falar, virou um verdadeiro papagaio.

Mesmo assim, em casa, eu sempre via como um desenvolvimento bem natural, nada atrasado ou antecipado, de acordo com os marcos de desenvolvimento esperados para cada momento.

O detalhe foi quando fizemos nossa viagem a Fortaleza. De repente, estávamos entre várias pessoas. Ela estava tão acostumada com o nosso isolamento em casa e fazia pouco tempo que frequentava a escolinha, onde o convívio era com bebês da mesma idade e que falavam até menos do que ela. Mas em Fortaleza, com vovó, vovô, titios, titias, primos — tanta gente pra falar —, eis que a pequena soltou o verbo. A evolução foi tanta que, ao retornarmos de viagem, as professoras da escolinha ficaram admiradas do quanto a pequerrucha estava falando de forma clara.

Esta fase foi muito boa pra mim, pois inaugurou um processo de maior facilidade para que eu compreendesse aquilo que minha pequena queria. Os choros, antes tão frequentes, foram dando espaço cada vez mais à organização das ideias e à expressão verbal.

Enfim, o que vejo em relação à minha pequerrucha é que ela é uma criança típica que está desenvolvendo plenamente a sua forma de comunicação verbal. E isso para mim é algo tranquilizador, tendo em vista que, com minha filhota, eu vivo uma maternidade atípica e que ela precisou de muito estímulo para desenvolver a fala, que era comprometida.

Mas nem tudo são flores. Chegando próximo aos dois aninhos, tínhamos uma pequerrucha realmente percebendo seu lugar no mundo e querendo impor suas vontades. O bom desenvolvimento da fala não livrou a mãe da temida fase das birras, com seus choros e gritos. Sim, elas ocorreram de forma intensa por algum tempo, diminuíram um pouco, mas ainda ressurgem vez ou outra. Ou seja, o choro segue sendo uma forma de expressão da minha pequena quando ela ainda não sabe expressar o que está sentindo.

Reconheço que a fase das birras foi uma das mais difíceis pra mim, em que eu mais me desorganizei, por não saber o que fazer. E, diante de toda desestruturação emocional que a sobrecarga materna já estava me causando, falhei na forma como eu acabava agindo diante da minha pequena.

Eu já relatava minhas angústias com a psicóloga e, em determinado encontro, ela sugeriu que eu buscasse auxílio psiquiátrico, para conseguir lidar com toda a ansiedade gerada diante dos comportamentos da pequena. Quem era eu pra dizer que minha pequena estava agindo inadequadamente, se nem eu mesma conseguia lidar com meus sentimentos diante da maternidade?

Busquei a ajuda recomendada e as coisas começaram a se ajustar, o que demonstra que realmente era eu quem precisava de suporte naquele momento, para que tivesse condições de redirecionar adequadamente a minha pequerrucha quando ela não soubesse lidar com suas emoções.

Porém, eu sempre penso que não posso ser tão dura comigo mesma. Quando minha pequena era ainda recém-nascida, a cada chorinho eu já conversava com ela, de forma a nomear o que pensava que ela sentia: “A neném está com fome, né?! Hora de mamar!”; “A neném está com soninho? Hora de mimi!” E à medida que ela ia crescendo, eu ia tentando nomear o que percebia. Até que, por volta dos seis meses, passei a dizer: “Você está chateada? Vamos brincar!”

Lembro até que o pai dela uma vez me repreendeu por eu falar com a pequena aquela palavra, “chateada”, como se fosse algo inapropriado de ela aprender. Foi quando percebi que realmente nossa forma de pensar sobre a educação das meninas estava indo por caminhos opostos e me positionei quanto à importância de ela saber nomear os sentimentos.

E o sentimento que considero mais complexo, e que ela muito cedo passou a nominar, foi o da saudade. Pois é, minha pequena aprendeu a falar “saudade” logo que surgiram suas primeiras palavras.

O pai dela saiu de casa quando ela tinha apenas um ano e cinco meses e reconheço que, em alguns períodos, o choro dela era por sentir falta dele. Foi então que comecei a conversar e explicar que entendia que a neném sentia saudade do papai. Assim, essa palavrinha logo passou a fazer parte do vocabulário dela. Na escolinha, ela dizia que estava com saudade da mamãe e, quando retornava para casa, falava que estava com saudade da profe ou de algum coleguinha.

Ver minha pequena como um verdadeiro papagaio, reproduzindo por meio das brincadeiras aquilo que observa em casa, na casa do pai e na escolinha, é algo que me enche de alegria. Mas minha alegria é maior ainda ao vê-la aos poucos nomeando os seus sentimentos, porque vejo que talvez isso faltou para mim — e, principalmente, para minha filhota. Se Ana Júlia aprender desde cedo a lidar com seus sentimentos, talvez cresça com sua saúde emocional mais estável.

Ainda vai ter choro? Claro que vai! Se o sentimento for tão intenso que precise chorar, isso não é problema algum. Ainda vai ter gritos? Estou certa de que sim! Apesar de que ainda fico melhor quando percebo que os gritos são expressão de alegria, em vez de quando são expressos em meio a uma birra, com eventuais brinquedos ou alimentos voando pela casa. Sim, isso faz parte e cabe à mamãe saber redirecionar a situação, por isso precisei de ajuda quando a situação estava ficando fora do meu autocontrole.

No entanto, eu também sei que vai ter muito riso em meio às brincadeiras, nos passeios às pracinhas e nos encontros com os amiguinhos. E, diante de tudo isso, sei que também emerge uma outra linda forma de expressão: o cantar.

Admito que eu não fui uma mãe com um grande repertório musical para minha pequena. Para dormir, eu cantava sempre as mesmas quatro músicas e, durante o dia, colocava algumas músicas infantis. Às vezes, fazia pequenas paródias com aquelas músicas infantis que mais ouvíamos; algumas musiquinhas ganharam uma versão politicamente correta e outras

foram adaptadas para uma versão exclusiva da minha pequerrucha: “Bom dia! Bom dia, minha neném pequerruchinha, que acordou toda animadinha e já quer brincar brincadeiras...”

Claro, na escolinha, ela acabava ouvindo a versão oficial das músicas e também as cantava em casa. O cantar, enfim, é parte do processo de brincar. Ela canta colocando os brinquedinhos para dormir ou dançando com eles. Canta enquanto chama a mamãe e a mana para brincar de ciranda.

Sigo, assim, com minhas meninas, dando espaço para conversar, brincar, cantar e nomear os sentimentos. E, em meio a todas essas ações, minha pequerrucha canta e a mim encanta.

Pequerruchices: o tempo de brincar é agora!

Dedicar o tempo para maternar é algo interessante. Quando deixamos tudo de lado para atender às necessidades dos filhos, somos criticadas por não produzir para a sociedade ou por não manter a casa na mais perfeita ordem. Se buscamos rede de apoio para cuidar de nossos filhos, enquanto lidamos com todo o resto que é imposto para as mulheres, somos criticadas por terceirizar a criação de nossos filhos.

Quanto a mim, aceitei a ideia de que não consigo dar conta de tudo e que nunca agradarei a todos, e assim vou fazendo as minhas escolhas.

Decidi que, para lidar com todas as demandas que envolviam os cuidados específicos de cada uma das minhas filhas, eu contaria com uma importante rede de apoio, a escolinha em tempo integral onde confio os cuidados de Ana Júlia durante a semana. E decidi ainda que, antes e depois de ir para a escolinha, aos finais de semana e feriados, eu dedicaria tempo de qualidade à minha pequena.

Dessa forma, decidi tornar o tempo com minhas meninas intenso. A casa fica um caos, a mamãe fica um tanto exausta, mas mesmo assim fico feliz quando consigo viver esses momentos com elas.

Sabe o tempo de qualidade que decidi dedicar à minha pequerrucha? Carinhosamente o nomeei de “pequerruchices”. Na realidade, as pequerruchices são as brincadeiras dela, são os instantes que enchem meu ser de uma alegria incontida, são as ações que me marcam de tal forma e que ficam ali, no cantinho das minhas memórias afetivas. Pequerruchices são as canções, as danças, os pulos, o balançar, o escorregar, o pintar, o fazer comidinhas, o cuidar das bonecas, o andar com carrinhos, o pedalar, enfim, são todas as ações da minha pequerrucha que envolvem seu ato de brincar.

Por que eu dou tanta atenção aos momentos das brincadeiras? Porque ali eu vejo minha pequena inquieta, curiosa, criativa, desenvolvendo-se plenamente.

“Ah, compra brinquedos mais sofisticados pra ela e leva em algum lugar que ela até esqueça da presença da mãe. Fica mais fácil assim!” Será?

O que aprendi com minha pequerrucha é que não há nada tão belo quanto a simplicidade de uma criança e o quanto nós adultos complicamos quase tudo, achando que a criança não sabe brincar. Sendo sincera, até hoje não me arrisquei a investir em brinquedos sofisticados, já que os utensílios da cozinha foram levados desde muito cedo para o tapetinho e até hoje fazem sucesso nas brincadeiras da minha menininha.

Se já levei para um passeio e achei que ela ia se jogar na piscina de bolinhas, esquecer a minha presença e fazer aquele escândalo na hora da saída? Sim, já levei! Mais de uma vez, inclusive. E, para minha surpresa, além de nunca ter ocorrido nenhum escândalo, quando o espaço tinha apenas a piscina de bolinha, eis que a minha presença parecia ser mais importante do que aquele mar de bolinhas coloridas. E quando havia outras opções de brincadeiras, ela queria justamente a mais simples, fazer comidinha ou pintar.

Agora entendo que, não importa o lugar, quando a pequerrucha escolhe a brincadeira, ela quer viver aquele momento, quer usar sua criatividade, dando vida às bonecas, trocando fraldas e roupinhas imaginárias, preparando as comidinhas de faz de conta, desenhando e pintando aquilo que talvez nós adultos ainda não tenhamos a capacidade de decifrar, mas que para ela representa muito bem sua imaginação.

Às vezes me questiono: “Como é que ela já faz tudo isso?”

Ao mesmo tempo, percebo que ela vai copiando a mamãe e a mana em cada ação e expressando tudo durante as brincadeiras. Também reproduz em casa muitas das brincadeiras vividas na escolinha, inclusive nomeando os brinquedos tal qual

o nome dos coleguinhas. Sim, ela observa e aprende tudo o que fazemos, e isso me faz perceber como é grande a responsabilidade de cuidar de uma pessoinha assim.

Diante de tudo isso, é cada vez mais forte a percepção de que cabe a mim sentar-me ao seu lado e estar presente enquanto ela olhar para mim como a “mamãe-muneca”, aquela boneca gigante que está presente em todas as brincadeiras, que a auxilia a fazer as comidinhas e em quem ela pode fazer os mais diversos penteados.

Como é especial (con)viver na infância da minha pequerrucha. E que os cuidados de hoje, alicerçados no afeto e concretizados no ato de brincar, sejam a base para a forma como ela vai cuidar das pessoas que farão parte da sua vida no futuro.

PERRENGUES MATERNOS



Despertador

Sabe aqueles dias em que parece que tudo está fora do lugar, nada parece dar certo e a vida se resume ao caos? Então, esse é o dia regular de uma mãe — pelo menos minha vida é assim.

A realidade é que, mesmo tentando manter o máximo das coisas em ordem, sempre surge algum perrengue que me tira do eixo e me faz respirar fundo ou simplesmente chutar — e depois ter mais o trabalho de buscar — o balde.

Posso dizer que tenho aprendido a conviver com meus perrengues maternos. Minha irmã, desde que escutou meus primeiros relatos sobre os problemas que eu passava com a filhota, sempre dizia que um dia as memórias de tudo aquilo seriam motivo apenas de risos.

Ainda espero chegar ao nível de maturidade que me permita não ficar desestruturada emocionalmente quando algo me tira do eixo e torço para que chegue o dia em que todas as lembranças se tornem risos. Por enquanto, meus perrengues surgem desde o despertar — e com os infinitos despertadores soando em meus ouvidos ao longo do dia.

Primeiro que eu tenho um despertador natural que soa todos os dias da semana, finais de semana e feriados, dizendo: “Neném acordou, levanta, mamãe, levanta!” E assim, às 6h da

matina, essa mamãe tem que estar disposta a levantar e ir brincar. E, depois de algumas experiências, vi que não é uma boa ideia refutar a ordem desse fofo despertador, mesmo que eu tenha virado a madrugada estudando.

O dia da mamãe, então, já começa com intensidade: higiene da pequerrucha; tentativas de colocar a roupa enquanto ela corre pela sala ou pula no sofá; primeira tentativa, quase sempre frustrada, de acordar a filhota; café da manhã, que não raras vezes resulta em migalhas espalhadas pela casa; e tentativa fracassada de arrumar os lindos cachinhos da pequena. Enfim, olho para o relógio, vejo que não há mais tempo, chamo um veículo via aplicativo e levo a pequena para a escolinha. Antes de sair, mais uma tentativa de acordar a filhota.

Quando volto para casa, finalmente consigo fazer a filhota se levantar da cama. Orientações do que fazer a cada atividade. E começa então o meu perrengue com o despertador, que seguirá ao longo do dia.

Tenho uma relação de amor e ódio com o despertador. É sério! A realidade é que minha filhota não bebia água — e não adiantava só dizer para ela beber, foi necessário condicioná-la a isso. E a única tentativa que funcionou foi quando coloquei o despertador do meu celular em ação.

De hora em hora meu celular toca, ela bebe a quantidade de água definida e espera o próximo toque. Quando a pequerrucha está em casa, já sabe: “Mana, hora de tomar água!” Funcionou a estratégia, funcionou! Por isso eu amo o despertador do meu celular.

O problema é quando eu começo a estudar e, de repente, escuto mais um toque e tenho aquela sensação de não ter conseguido fazer quase nada e que mais uma hora já se passou.

Além disso, agora eu escuto aquele toque mesmo quando não está soando.

Enfim, eu decidi ser mãe e, com isso, ganhei de brinde uns perrengues, os quais espero que, um dia, sejam motivos de grandes risadas. Se não for de risadas dadas, que sejam pelo menos de risadas causadas por mim.

A saga da mudança de nome da filhota

O bom da finalização do processo de adoção foi finalmente resolver pendências identitárias que pairavam sempre que a filhota questionava sobre como ficaria seu sobrenome e quando nós, pais, passaríamos a ter nossos nomes em seus documentos.

Com o processo finalizado, eis que começamos uma verdadeira saga para todo ajuste de documentação. Foram muitas idas e vindas em vários locais para emissão de documentos, o que ela não se importava nem um pouco de fazer, porque entendia tudo aquilo como passeios por vários lugares.

Iniciando a saga!

O primeiro documento foi a nova certidão de nascimento, que foi emitida no cartório onde ela foi registrada em sua cidade natal. Quando recebemos esse documento, já no final de novembro de 2022, ela ficou realmente muito feliz, e fomos animadas à instituição que emite documentos para atualizar todo o restante da documentação.

O detalhe foi que eu cometi um equívoco em uma escolha e simplesmente não pudemos atualizar nada. Acabei não levando Caroline para emitir o título de eleitor quando ela completou dezoito anos, justamente porque estávamos quase na finalização do processo de adoção e eu não queria ter que fazer o mesmo documento duas vezes em um prazo tão curto.

E foi justamente pela pendência com a justiça eleitoral que começamos a saga. Na minha cabeça, o primeiro documento a ser atualizado seria o Cadastro de Pessoa Física (CPF), porém, por ter mais de dezoito, a pendência com a justiça eleitoral impedia a atualização do CPF.

Enfim, a primeira tentativa de atualização de documentos foi frustrada com sucesso.

Respira e vai com calma!

Com um pouco mais de calma, resolvi verificar tudo o que seria necessário para os demais documentos. Solicitei à psiquiatra um laudo, para justificar a condição da filhota no seu registro eleitoral, e uma requisição de exame de tipo sanguíneo, para fazer constar essa informação na nova identidade. Aí já começou aquela confusão de requisições emitidas no nome antigo, e foi preciso fazer novas solicitações, pois tudo já precisava ser vinculado ao novo nome.

Recebidos os pedidos corretos, fomos ao cartório eleitoral, expliquei a situação e mostrei os documentos do antes e depois. A servidora que nos atendeu foi superatenciosa, mas precisou verificar a situação com o chefe dela, porque era um caso diferente; afinal, não é comum um processo de adoção finalizar quando a pessoa já tem dezenove anos. Esclarecido tudo, a servidora considerou como documento válido somente a nova certidão de nascimento e, de repente, perguntou se a Caroline tinha CPF.

Foi nessa hora que começamos a viver naquele looping sem fim de: para esse documento, é preciso primeiro ter aquele, só que para aquele, é necessário atualizar o anterior, que também depende de outro documento. E tudo o que tínhamos até aquele momento era uma nova certidão de nascimento.

Falei novamente que a atualização do CPF dependia de resolver a pendência com o cartório eleitoral e estendi o documento antigo com o CPF. Pronto, resolvido!

Depois passamos no laboratório, onde todos conhecem a filhota, pois ela faz exames regularmente, para fazer o teste de tipo sanguíneo. A atendente lembrou que minha menina já podia fazer exames que foram autorizados pelo plano de saúde. Fez a guia dos exames pelo plano e eu pedi pra fazer no particular o outro exame, explicando a situação da mudança de nome. Quando recebi as guias, verifiquei que a atendente manteve o nome antigo para o exame de tipo sanguíneo e expli-

quei novamente que, para o novo Registro Geral de identidade (RG), o exame tinha que estar com o novo nome.

Aí deu pane no sistema! A mesma pessoa ia fazer vários exames, mas com nomes diferentes. Tinham receio de alterar o nome dela e ter problemas com o plano — que já tinha negado os exames duas vezes — ou criar um novo cadastro e a gente não conseguir acessar o longo histórico de exames antigos. Falei pra criar outro cadastro e que eu me resolveria com o plano de saúde quando tivesse RG e CPF atualizados.

Um documento de cada vez

Sabe aquela frase motivacional que diz “viva um dia de cada vez”?! Isso nunca fez tanto sentido para mim. Eu vivo um dia e tiro um documento de cada vez.

Desta vez fui sozinha tentar resolver a pendência do CPF. Uma semana após a primeira tentativa, retornei à instituição responsável pela emissão de documentos em nossa cidade de residência e, para minha surpresa, o atendimento tinha sido suspenso por tempo indeterminado.

Decidi ir, com a cara e a coragem, à Receita Federal, que só atende com agendamento, mas eu simplesmente não conseguia agendar por não ter data disponível. Expliquei a situação para a atendente, que, óbvio, disse que só com agendamento. Insisti um pouco e falei das tentativas de agendamento e ela resolveu pegar a documentação da minha filhota e colocar no atendimento.

Mesmo esquema, entreguei toda documentação do antes e depois da mesma pessoa, a atendente avaliou cada documento e ignorou tudo o que era antigo, dizendo que não tinham mais validade. Esperei um pouco e fui chamada pelo servidor que ia fazer o ajuste do CPF e, de novo, entrei no looping: ele precisava do novo RG da minha filha e lá fui explicar que ela ainda não tinha. Porém ele disse que também conseguiria resolver o problema se tivesse a antiga certidão de nascimento — esta estava na mão e foi entregue ao servidor, que foi lá ajustar.

Ele voltou um pouco depois com um novo número de CPF para a minha filha. Eu realmente pensava que ia só atualizar, mas ele explicou que, no caso dela, era algo novo mesmo, e inclusive o CPF antigo foi cancelado, eu recebi um comprovante com o motivo do cancelamento. Enfim, com a Receita Federal estava, aparentemente, tudo resolvido.

Ainda fui, iludida, ver se conseguia ajustar o cadastro dela no Sistema Único de Saúde (SUS) e lógico que não deu, afinal, os sistemas levam um tempo até sincronizar as atualizações da Receita Federal.

É muita documentação para ajustar!

No quarto episódio da nossa saga, retornei ao cartório da Justiça Eleitoral, que tinha feito o cadastro da filhota usando o antigo CPF. Mais uma vez, a servidora que nos atendeu teve que perguntar para o chefe dela o que fazer naquela situação; mas foi tranquilo, conseguimos fazer o ajuste.

Depois fomos à Secretaria de Saúde fazer uma nova tentativa para o cadastro do cartão do SUS. A servidora que nos atendeu demorou a entender que se tratava de um novo cadastro porque havia um novo CPF. Adivinha, ela queria uma nova identidade para fazer o cadastro. Expliquei que em Caxias do Sul a instituição que emite o RG estava com atendimentos suspensos e que a minha filha necessitava do documento do SUS para atualizar o plano de saúde, do qual ela não podia ficar sem, devido os exames de rotina quinzenais. Mais uma consulta à chefia e, por fim, conseguimos o novo cartão do SUS.

Na sequência, fomos à central do plano de saúde para fazer a atualização do cadastro e pedir uma nova carteirinha para a filhota, já passando no laboratório para atualizar também o CPF e o número do SUS no novo cadastro que foi feito.

Esse foi um dos dias mais produtivos nesta nossa peregrinação. Além de tudo o que já tínhamos conseguido, tam-

bém agendamos, para a mesma semana, o atendimento em uma outra cidade da região para a emissão da nova identidade. O bom era o fato de que no novo RG já poderíamos colocar todas as informações atualizadas dos demais documentos.

Não há nada tão ruim que não possa piorar!

Mais um dia em que amanhecemos com vontade de bater perna, como diria minha mãe. A realidade era que eu seguia na tentativa de emitir toda a documentação da filhota ainda em 2022, mas parecia que o mês de dezembro voava e que não seria possível essa proeza.

Fomos bem cedo ao posto de saúde verificar como ficaria a questão do cartão de vacina. O cartão físico não era o problema, bastava colocar uma etiqueta com o novo nome; o problema era que as vacinas da covid-19 estavam no sistema do SUS vinculadas ao antigo CPF. A servidora do postinho tentou ver se conseguia vincular as informações ao novo CPF, mas nada feito, pois a filhota tomou vacinas em postos diferentes e teríamos que ir novamente à Secretaria de Saúde.

Depois eu liguei para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para verificar como ficaria a situação do benefício que a minha menina recebia. Expliquei toda a historinha novamente, de finalização da adoção, mudança de nome e de CPF, e lógico que deu pane no sistema. Isso porque o atendente não conseguia fazer um agendamento para atualização cadastral de um CPF cancelado e não conseguia pedir atualização cadastral de um CPF ainda não vinculado ao INSS. Quando finalmente parecia que ia conseguir fazer o agendamento, a ligação caiu.

Fui persistente, liguei alguns minutos depois, fui atendida por outra servidora e tive que falar tudo de novo. Ela conseguiu fazer um pedido de cadastro e vincular ao número de benefício existente. Ficamos com um atendimento agendado para o final de janeiro, ou seja, em 2022 essa era uma pendência que não seria resolvida.

Um rolê pela Serra Gaúcha!

Seguimos nossa saga, agora com direito a um passeio mais longo: uma agradável viagem pela Serra Gaúcha para irmos até a cidade onde ficou agendada a emissão do novo RG da filhota. Foi, dentre todos, o mais rápido e melhor dos atendimentos que tivemos.

Acho que preciso destacar o fato de que a sala onde funciona a emissão de documentos naquela cidade é vizinha à Assistência Social do Município. No momento em que cheguei ao local, imaginei que aquela proximidade de setores pode ter sido muito boa para a nossa situação. Afinal, assim que falei ao telefone que se tratava da finalização de uma adoção tardia, a servidora imediatamente fez um encaixe para nos atender na mesma semana. E, ao nos identificarmos, os servidores foram tão atenciosos conosco e amáveis com a Caroline, mostrando que estavam felizes pela nossa grande conquista: a finalização do processo de adoção!

Recebemos a nova identidade na última semana de 2022 e, ali, encerrava o episódio da emissão de documentos para aquele ano. O jeito era esperar uma nova temporada que teria início em 2023.

Perrengues causados por um novo CPF

Janeiro chegou e já tínhamos RG, CPF, título de eleitor, cartão do SUS e plano de saúde. Aparentemente tudo o que era mais urgente estava resolvido. Mas logo na primeira semana fomos ao banco para resolver a pendência da conta bancária — e é óbvio que, novamente, nos deparamos com uma pane no sistema. Esse negócio de mudança de CPF realmente não era esperado e me causou muitos perrengues.

O problema da conta não foi resolvido naquele dia e o banco ficou de me contatar quando resolvesse. Como não tive nenhum retorno, fui novamente ao banco duas semanas depois, o qual seguia sem resolver o problema. Entreguei mais

documentos e, por fim, desisti de tentar ir lá, porque logo na sequência descobri que a conta já não seria algo urgente. Sim, já se passaram mais de três meses desde que fui a última vez ao banco e não retornamos mais.

O motivo pelo qual não me preocupei com a conta bancária foi porque ela era de uso exclusivo para o benefício que minha filha recebia por ser pessoa com deficiência em situação de vulnerabilidade social. Fomos ao INSS a primeira vez, conforme estava agendado, para a última semana de janeiro, e lá expliquei a situação, entreguei documentos e disseram para eu aguardar o movimentar do processo. No dia seguinte recebi uma notificação para apresentar mais documentos no sistema, o qual não conseguíamos acessar por conta de o CPF antigo estar cancelado. Mais uma ligação para o INSS, mais horas pendurada ao telefone relatando de novo toda a novela e, finalmente, consegui um novo agendamento para a semana seguinte, logo no início de fevereiro.

Mais uma visita ao INSS e, desta vez, o servidor que nos atendeu compreendeu a situação e, após mais uma consulta à chefia, eis que veio um parecer final: benefício cancelado! Minha filhota não teria mais direito àquele benefício, devido à origem de como ele tinha sido concedido. E caso nós quiséssemos fazer uma nova solicitação, deveríamos iniciar tudo do zero.

Bem, eu imaginava que minha filhota não teria mais direito àquele benefício, mas eu queria deixar tudo regularizado, informando o motivo pelo qual o CPF ao qual aquele benefício estava vinculado aparecia como pendente na Receita Federal.

Mais uma filha? Não!

O último episódio desta saga foi a atualização cadastral da minha menina como minha dependente. Quando fui atualizar as informações no sistema, percebi que eu tinha três filhas, sendo que duas tinham o mesmo nome: uma com o antigo e a outra com o novo sobrenome.

Falei com a pessoa que tinha deferido o novo cadastro e ela me redirecionou a buscar contatar por e-mail o chefe do setor, pois se tratava de um caso muito específico e que ela nunca tinha visto antes — da mesma forma que tinha sido em todos os lugares por onde passei. Mas esse foi o processo mais simples de todos. O cadastro duplicado foi excluído sem perda de informações da minha menina, que já era minha dependente desde 2019, quando chegou em nossa família.

Enfim, eu pensava que a saga estava concluída, mas já percebi que eventualmente surgem novos perrengues relacionados à mudança de nome da filhota. Mas isso eu vou deixar para contar em outras histórias...

Visitantes indesejados

Certo dia, recebo uma mensagem da diretora da escolinha avisando que Ana Júlia estava com visitantes indesejados em seu lindo cabelinho e que eu deveria logo ir buscá-la para começar o tratamento.

Ok, fui de imediato até a escola e, ao receber minha pequena, questionei o que tinham encontrado e se foi enquanto arrumavam o cabelo dela. A diretora falou que foi identificado que outra coleguinha da turma estava com piolho e que, por isso, foi feita uma vistoria nos cabelos de todas as crianças e que, ao olhar para os cachinhos de minha pequerrucha, perceberam que ela teria lêndeas.

O que fazer diante disso? Pedi orientação, pois era algo realmente novo para mim enquanto mãe de uma criança. Digamos assim que eu já vivi minha própria fase de convivência com visitantes indesejáveis nos longos cabelos ondulados que eu tinha quando criança — e também já tive que expulsar alguns visitantes do cabelo da filhota.

A diretora sugeriu que eu passasse em uma farmácia para comprar o produto mais apropriado, que o tratamento duraria cerca de três dias e que a pequena não poderia retornar à escola até que todos os visitantes tivessem ido embora.

Pronto! Não bastava ter que lidar com piolhos e lêndeas, pensar no desafio que seria lavar e passar pente fino na pequerrucha, que sempre resistia na hora de lavar os cabelos, eu ainda teria que cancelar meus compromissos nos dias seguintes porque ela não poderia ir para a escolinha.

Segui a orientação recebida: cheguei em casa, lavei os cabelos da pequena, passei o pente fino neles, e nada. Também verifiquei os cabelos da filhota e até os meus. Quando há visitantes indesejados, eles se espalham por todos os lugares sem qualquer convite, né?! Nada também.

No dia seguinte, fiquei brincando com pequena e conversei com ela que era necessário lavar mais uma vez os cabelos para verificar se tinha bichinhos. E ela foi até tranquila e deixou. Mais uma vez, tudo limpinho.

Enviei uma mensagem para a diretora falando do meu empenho em buscar os visitantes indesejados e que eles sequer tinham passado por nossas cabeças. Na realidade, a pequerrucha tinha pequenos pontinhos brancos pela cabeça, mas eram das cobertas que usávamos e confundiram aquilo com lêndeas.

Por fim, disse à diretora que a pequena iria para a escolinha no mesmo dia. E assim encerrou o perrengue dos visitantes indesejados que nunca tinham visitado os cachinhos da minha pequerrucha.

Acho que dessa vez vou levar uma mordida do leão

A pessoa aqui resolveu declarar o imposto de renda, e sabe qual é a instituição responsável por esse processo? Isso mesmo, aquela em que eu pensava que estava tudo resolvido, mas que percebi que ainda vai me causar o maior perrengue: a Receita Federal.

Eu declaro meu imposto de renda há anos, mas sempre eram informações muito simples. Mas este ano a situação ficou muito diferente. Para começar a conversa, eu não consegui todos os documentos da minha filhota, pois necessito de um extrato do benefício do INSS. Sim, mais uma vez, fiquei pendurada ao telefone, contando toda a novelinha, até conseguir agendar um atendimento para o início de maio, para tentar receber esse documento.

Enquanto isso, fui adiantando tudo o que era possível no sistema, e eis que também no sistema da Receita Federal eu tenho duas filhas com o mesmo nome, a antiga com o CPF cancelado e a nova com nome, CPF e filiação novos, enfim, tudo o que ela tinha direito após o encerramento do processo de adoção.

E eu não posso nem me dar ao direito de excluir o cadastro antigo, porque a mudança de documentos efetivamente só ocorreu a partir do final de novembro. Até aquele momento, todos os gastos feitos em prol da filhota, principalmente do seu tratamento de saúde, estavam vinculados ao CPF antigo. E se eu não cadastrar esses gastos, definitivamente vou à falência.

Se bem que, com toda a confusão que essa mudança de CPF tem causado, já vou colocar no meu tópico de conversa da terapia falar sobre a possível passagem pela malha fina da Receita Federal, nem que seja só pra ir até lá com todo aquele monte de documentos e mostrar, mais uma vez, que as meninas de mesmo nome e datas de aniversário, são, em realidade uma pessoa só, a minha Caroline.

O outono e seus (des)encantos

Ah, eu amo o outono. Acho lindo ver as folhas formando verdadeiros tapetes pelas calçadas. A temperatura vai ficando mais amena, as caminhadas com a filhota ficam até mais agradáveis e o vento bagunçando nossos cabelos dá uma sensação de viver parte de cenas de um filme.

Mas o outono também tem seus desencantos para uma mãe de uma criança pequena. Parece que, de repente, o tempo vira e que, no decorrer de cada dia, vivemos na pele cada uma das estações — e é aí que surgem os perrengues na vida da mamãe.

Primeiro que eu preciso ver como vai ficar a previsão do tempo para cada dia, já que é preciso arrumar a mochila da escolinha e preparar roupinhas para quando ela vai para a casa do pai.

Além disso, um passeio até a pracinha pode virar um verdadeiro caos, isso se o lindo tapete de folhas secas se tornar a farra da galerinha e os lindos cabelos cacheados chegarem em casa repletos de folhinhas. É, acham que é fácil tirar esses enfeites naturais dos cachinhos da pequerrucha? A hora do banho, que nem sempre é algo simples, pode se tornar ainda mais desafiadora.

E isso cansa, é verdade! Mas eu ainda nem cheguei à cereja do bolo.

De repente temos pela casa uma pequerrucha com o nariz escorrendo, tossindo e com dificuldade para dormir. E começa a mais estressante saga que durará pelo menos até a chegada do próximo verão... a lavagem nasal.

Você já tentou lavar o nariz de uma criança de dois anos? Se sim, receba meu abraço, eu também compartilho desse sofrimento. Se não, sugiro que você nunca tenha filhos, ou, se insistir em ter, procure residir em lugares quentes durante o ano

inteiro ou faça a opção pela adoção tardia — afinal de contas, esse foi um problema que nunca tive com minha filhota.

Brincadeiras à parte, essa é realmente uma situação estressante. Faço para o bem da saúde da minha pequena, mas é muito desafiador tentar inicialmente convencer a pequena a colaborar, coisa que, óbvio, ela não faz; depois tentar só se aproximar pra ver se ela favorece o processo, ação que também é frustrada; até que não tem jeito e a lavagem nasal acontece, mesmo tendo muito choro e eu pensando que a qualquer hora o conselho tutelar vai bater na minha porta.

MULHER-MÃE



Mãe, mamãe, manhê!

A primeira vez que a palavra “mãe” foi direcionada a mim foi falada por engano e seguida de imediato por um pedido de desculpas. E assim ocorreu por mais algum tempo. Às vezes, o pedido de desculpas não surgia na sequência e eu apenas tentava disfarçar a situação; quando possível, tentava seguir a conversa, respondendo de uma forma em que me colocasse com a função que eu exercia, a de dinda.

Sim, a minha filhota começou a me chamar de mãe logo que iniciaram as visitas do programa de Apadrinhamento. Todavia eu não ligava muito, afinal, ela vivia em uma instituição de acolhimento, onde frequentemente a cuidadora da casa lar era substituída, e assim ela tinha uma nova “mãe”.

Quando começamos a pensar na possibilidade da adoção, a coordenadora da instituição de apoio à adoção que conduziu o curso do programa de Apadrinhamento Afetivo me questionou como eu me sentiria se ouvisse minha afilhada me chamar de mãe, e eis que, de pronto, respondi que já estava acostumada com aquela situação e que, na realidade, o que me incomodava era o pedido de desculpas que seguia.

Quando finalmente pudemos contar para nossa menina que formalizamos a adoção e que as visitas já não seriam parte

do programa de Apadrinhamento, mas parte do processo de convivência, já não houve nenhum momento em que a troca fosse ao contrário. Estava oficialmente declarado que minha menina poderia me chamar de mãe.

Depois veio a fase das primeiras palavras da pequerrucha, com um “mamã”, que depois se tornou “mamãe”.

De repente, minha vida se transformava por completo, minhas ações passariam a ser direcionadas com muita dedicação aos cuidados que cada uma das minhas meninas requeriam. Porém mais forte que isso foi o novo processo identitário que passou a fazer parte da minha vida, com duas meninas dentro de casa pelos cantos a falar incessantemente: “Mãe”, “mamãe”, “mãezinha”, “mamãezinha”, “manhêeeeeeee!”

E cada palavra para me designar é devidamente colocada conforme a circunstância apresentada. O interessante de tudo isso é que a minha casa parece reproduzir muito do que eu vivi quando criança, e se eu já fico agitada quando elas ficam me chamando sem parar, imagino qual era a sensação da minha mãe com quatro filhos em casa.

De forma corriqueira, frequente e quase ininterrupta, temos o uso da palavra “mãe” apenas para chamar a minha atenção para algo: “Mãe, tô com fome!”, “Mãe, olha aqui!”, “Ei, mãe!”, “Mãe, mãe, mãe... ah, esqueci o que eu ia falar...”

Temos uma forma que parece um pouco mais carinhosa, usada em momentos especiais, ou que também surge quando a demanda representa uma maior necessidade: “Mamãe, neném acordou, levanta, levanta!”, “Parabéns, mamãe!”, “Eu quero balançar lá no alto, mamãe!”

Os termos “mãezinha” ou “mamãezinha” às vezes me causam certa desconfiança quanto aos seus propósitos; sempre tenho a sensação de que vou levar um golpe após esse apelo sentimental: “Mãezinha, hoje podemos fazer um lanche na padaria?”, “Vamos até a pracinha, mãezinha?”, “Vamos lá fora, mamãezinha? Vamos, vamos!”

E é óbvio que há um termo que surge em meio ao campo de batalhas fraternas: “Ô manhêeeeeeee, ela pegou meu quebra-cabeça”; “Manhêeeee, a mana não quer brincar comigo”; “MANHÊEEEEEE!”

Como palavras tão simples, ao serem pronunciadas, podem fazer uma mulher-mãe colocar-se em estado de alerta? De repente parece que todas as emoções vêm à tona, seja para encantar-se com as gracinhas e prodígios da prole; seja para correr a salvar seus filhotes; ou seja simplesmente para respirar fundo e pensar: “Cadê a mãe dessa criança que não para de chorar/correr/gritar?! Ah, sou eu!”.

Vivas, limpas e alimentadas!

2022 foi um ano tão intenso que eu passei a dizer que manter as meninas vivas, limpas e alimentadas era a minha principal meta.

Parece meio óbvio isso ser dito por uma mãe. Afinal de contas, é o mínimo que se espera, né?! É o mínimo, principalmente quando a sociedade olha para a mãe como aquele ser provido de um dom maternal, como se, ao nascer, já estivéssemos predispostas a um dia também saber, desde o princípio, como cuidar de um novo ser.

O detalhe é que maternar é algo que tem inúmeros encantos, mas também seus desafios. E, para mim, manter as meninas vivas, limpas e alimentadas não é algo tão simples. Vou explicar, em ordem inversa, o que eu insiro nestes três itens da minha grande meta materna.

Alimentadas!

Ah, isso é fácil, é só dar comida!

Será que é “só” dar comida? O que será que está guardado desse “só”, que às vezes fica tão invisível a ponto de ninguém, além da mãe, conseguir enxergar?

Para mim, uma mulher-mãe em plena construção, manter minhas meninas alimentadas significava:

Estar bem durante a fase em que a amamentação ainda fazia parte da alimentação da pequerrucha;

Cuidar da alimentação saudável de uma criança em fase de introdução alimentar;

Lidar com as recusas de alimentação da filhota quando ela estava doente, o que a fez emagrecer muito em pouco tempo;

Lidar com o outro extremo da alimentação da filhota, a compulsão alimentar, que fez com que ela parasse de mastigar

os alimentos, chegando à situação de engasgo, e buscar estratégias para protegê-la desse perigo;

Pensar em cardápios saudáveis, fazer compras, preparar e servir a alimentação em casa. E olha que para mim, que não gostava de cozinhar, esse era o menor dos problemas;

Proporcionar para a filhota momentos com outros alimentos mais variados, para ela não ficar com raiva do que tinha em casa;

Cuidar da hidratação de todas, principalmente da Caroline, que não bebia água e estava tendo problemas de saúde por mais esse motivo.

Como se pode ver, manter as meninas alimentadas já exige de mim bastante disponibilidade, de tempo e de dinheiro, para que a alimentação seja algo que realmente contribua para nosso bem-estar.

Ah, claro, fui encontrando algumas estratégias para facilitar os processos; fiz curso para aprender algumas receitas e tornar meu dia a dia mais prático. Na real, eu faço compras, higienizo e preparo os alimentos a cada quinze dias, congelo tudo e esquento na hora de servir. Talvez essa não seja a opção de muitas famílias, mas é o que funciona para a minha, e isso me dá mais tempo efetivo com minhas meninas.

Limpas!

Assumo que este foi o item que mais falhei ao longo do ano.

Sim, já teve dias que as meninas foram dormir sem banho e sem escovar os dentes — e, acreditem, esse problema era bem pequeno na fase do caos que estava estabelecido em minha casa. Além disso, os lindos cachinhos da minha pequerrucha nem sempre receberam o devido tratamento, por isso, em muitos momentos, ela ficou com cabelo bagunçado, pois cabelo cacheado ou tem tratamento completo ou é melhor nem mexer.

A questão da higiene foi um dos itens que demandou bastante de mim, principalmente quando Caroline passou por

uma fase de regressões e pelos efeitos colaterais de algumas medicações que ela tomava.

Dentre os efeitos colaterais, tivemos a salivação excessiva à noite, e quase todas as manhãs ela precisava tomar banho, lavar os cabelos, sendo necessário trocar toda roupa de cama. Vai ter gente que vai pensar que esse problema foi, no final das contas, algo positivo, já que minha filha ficava limpinha logo cedo e tinha a roupa de cama trocada diariamente.

No mundo ideal isso é algo bom, entretanto, no meu mundo real foi um tormento. Imagina em pleno inverno, com temperatura próxima a zero grau, ter que lavar toda roupa de cama diariamente, convencer a pessoa a tomar banho às 8h da manhã e depois secar os cabelos, coisa que ela detesta devido à sensibilidade que tem?! Inúmeras vezes a filhota se levantava e trocava de roupas com a ideia de que, se já tivesse vestida, seria dispensada do banho, e às vezes rolava estresse até ela se convencer da real necessidade.

Ah, então por que não deixava? Simplesmente pelo fato de que o cabelo dela amanhecia encharcado de saliva e com mau odor. Sim, era a sialorreia causada pela medicação que ela precisava tomar. E assim foi por um longo período durante todas as manhãs: passar pelo estresse do banho, a fim de lavar e depois secar os cabelos.

Minha filha gosta de sair pra caminhar, passear e de estar bem arrumada; eu explicava pra ela que naquela situação não dava pra dispensar o mínimo da higiene pessoal. Além disso, não sou o tipo de pessoa que vai deixar a filha presa dentro de casa só porque ela tem deficiência — e que por isso tudo bem ficar suja.

Enfim, falhei inúmeras vezes com a meta de manter as meninas limpas, mas sei que fiz o meu melhor.

Vivas!

Parece óbvia esta meta, mas ela é, dentre todas, a mais difícil de ser alcançada. Isso porque eu realmente quero que minhas filhas vivam, e não apenas sobrevivam. Para sobreviver, talvez mantê-las limpas e alimentadas seria o suficiente.

Então, eu tento me dedicar da melhor forma para enxergar nelas a vida.

Se tenho condições, caminho cerca de 8 km com a filha, passamos pelas praças para ela brincar, socializar, e fazemos alguma parada para lanche. Faço isso porque quero que Caroline se reconheça como gente que tem direitos, que ela aprenda a viver e a conviver na cidade e que não seja limitada apenas pela deficiência, que é parte do seu jeito de ser.

Quando encho a casa de balões, invento brincadeiras e danço cirandas, o que quero é que Ana Júlia aproveite a sua primeira infância da forma mais lúdica possível.

Quando levo Caroline para a Apae e para a universidade comigo, o que quero é que a filha tenha novas oportunidades de aprendizagem para a vida.

Se levo Ana Júlia para a escolinha, para ser cuidada por profissionais em quem confio e socializar com outras crianças, o que quero é que minha pequerrucha se desenvolva plenamente e que não fique limitada às condições de tempo e disponibilidade da mamãe, que só pode contar efetivamente com essa rede de apoio.

Se levei minhas filhas para a pracinha, muitas vezes carregando no colo os 15 kg de fofura da pequerrucha ladeira acima e ladeira abaixo, foi porque eu queria proporcionar a elas o brincar em um espaço coletivo, onde elas também pudessem ampliar seus vínculos fraternos enquanto riam lado a lado nos balanços.

E, mesmo diante de todos esses esforços, sei que o fato de ser mãe coloca em mim um fardo de ser julgada todos os dias, principalmente por pessoas que sequer me conhecem.

Mas isso não importa. Sou eu quem sei onde o sapato aperta, e resolvi fazer as minhas escolhas para que estas metas, que parecem tão bobas, sejam alcançadas.

Sim, metas bobas, mas acredite, o ano de 2022 foi muito difícil. Sobrevivemos à pandemia, mas foi duro ver minha filha definhando e regredindo, fechando-se em um mundo paralelo.

Foi terrível ter que interná-la, quando seu quadro de saúde mental já estava tão severo que eu já não conseguia auxiliá-la em casa. Foi complexo todo o processo de ajuste de medicação, que exigia de mim uma extrema capacidade de observação para perceber os efeitos dos remédios até conseguir dizer para psiquiatra “enfim com esse remédio ela voltou para o mundo real”.

Também foi difícil lidar com as demandas da pequerrucha quando percebi que não conseguiria garantir um tempo de qualidade com ela quando a mana ficava sem cuidadora.

Administrar medicações e acompanhar rotinas de exames é o menor dos problemas. Por isso, mesmo diante de erros em meio a inúmeras tentativas, meus acertos sempre são em busca de mantê-las vivas e com belas memórias afetivas.

Onde será que me perdi?

“Você deve cuidar de si primeiro para conseguir cuidar dos(as) filhos(as)”. A mãe que nunca ouviu isso, ou a associação com a recomendação da máscara de oxigênio no avião, que atire a primeira pedra.

Ah, parece tão simples pra quem dá este importante conselho. Sim, é um conselho importante e eu concordo plenamente: uma mãe precisa sim cuidar de si para ter condições de cuidar de um filho. Porém não é só uma mãe que precisa estar bem, mas qualquer pessoa que tenha sobre si a responsabilidade de cuidar de outrem.

Ah, mas isso não importa, né?! Afinal, se você está em seu fazer laboral e não se sente bem, pode dar-se ao luxo de pedir um atestado médico e, assim, garantir uma licença para que os cuidados sejam acompanhados do devido repouso, ficando, dessa forma, plenamente restabelecido. E o trabalho, como fica? O trabalho é só o trabalho, né. O trabalho espera, e se for realmente urgente, haverá alguém que substitua aquele profissional temporariamente — ou permanentemente, caso a pessoa doente seja uma mãe ou seu filho.

Mas voltemos ao foco, a mãe! Por que será que é tão difícil — e escrevo isso pela minha experiência — colocar em prática este conselho?

O primeiro ponto a destacar é que as mães não deixam de se amar, nem ficam descuidadas com a saúde e a beleza, nem deixam de ser comprometidas com o trabalho como eram antes, nem deixam de querer crescer pessoal, acadêmica e profissionalmente, por conta dos(as) filhos(as). Os(as) filho(a) não são culpados(as) por nada relacionado à desestruturação que se coloca diante da vida de uma mulher após a maternidade.

Se a mãe deixou de cuidar de algo que antes era muito importante para ela, sem que tenha sido sua opção, e isso tem

causado nela uma angústia, possivelmente é por conta de ausências que causam a sobrecarga materna: da atitude do pai para cuidar efetivamente da criança e de uma efetiva rede de apoio que dê suporte quando essa família necessite.

Não adianta dizer “você tem que sair mais de casa” se a mãe é a única a preparar a operação de guerra para sair com as crias ou se não há ninguém para cuidar delas para essa mãe ter um momento individual, ou com amigas ou com o companheiro.

E isso se aplica a muitas das outras situações que associam ao autocuidado da mãe: cuidar da saúde física e emocional, fazer exercícios, cuidar da aparência, estudar, trabalhar, entre outras demandas que possam existir na vida dessa mulher-mãe.

Para cada coisa que a mãe precisa fazer, quando não há um apoio efetivo, o desgaste já começa no planejamento e muitas vezes é ampliado com a frustração de mais uma atividade cancelada. Infelizmente para muitas mães é assim que funciona.

Não quero aqui dizer que então outras pessoas precisam se sentir responsáveis a ponto de assumir o lugar que é da mãe. Não é isso! Pois o lugar da mãe sempre será dela. Mas como ela poderá colocar a máscara de oxigênio no filho se a máscara não estiver primeiro ao seu próprio alcance?

O que falo é que, muitas vezes, a sobrecarga e a solidão materna se tornam tão evidentes que parece até que foi aquela mulher que esqueceu de si, para tornar-se exclusivamente mãe. Não foi! No entanto, diante de tantos afazeres, aquele lado mulher pode ter perdido o espaço. E o que ela mais quer ser, a mulher-mãe, com toda a soma das essências constituídas em cada fase de sua vida, vai definhando, murchando, mingando tal qual a lua. Mesmo assim, sei que segue com a esperança de um renascimento que mostre a todos como essa nova fase da vida veio de forma intensa e vai mostrar a plenitude dessa mulher-mãe.

Talvez este seja o texto que expressa meu eu-perdido com mais intensidade. E se assim escrevo, é porque ainda estou

tentando me reorganizar e descobrir em que ponto me perdi. É fato que já dei alguns passos e que sigo buscando estratégias para ter tempo de autocuidados. Mesmo que meu tempo para exercícios seja em casa ou caminhando com minha menina, ou minhas leituras e minhas unhas sejam feitas na espera da terapia da filhota.

Seguirei com meu objetivo diário de manter as meninas vivas, limpas e alimentadas? Sim! Só que agora meu esforço é para me incluir nesta lista de meninas.

O invisível trabalho doméstico!

Eu precisava escrever sobre isto! Não que seja um assunto sobre o qual busco ter mais informações ou que desperte meu interesse.

O que eu queria era entender por que fico tão cansada ao final do dia, por que acabo não dando conta de alguns compromissos importantes e por que às vezes deixo de ter mais tempo com as meninas da forma que tanto gostamos.

Em determinado momento resolvi tentar olhar para o que eu faço. Comecei a gravar vídeos sobre como lido com a casa: faxina, louças, roupas. Para começar, precisei acelerar a gravação dos vídeos para ter noção das atividades domésticas que realizo diariamente, pois meu celular não teria memória para guardar arquivos tão pesados e nem eu a paciência de assistir vídeos tão longos posteriormente.

Por que eu fiz isso? Por que eu gravei a mim mesma nas atividades que menos gosto de realizar e que me deixam tão fatigada? Porque eu queria compreender a mim mesma, queria entender o que estava por trás de todo aquele desgaste físico e emocional e começar a ser menos rígida comigo, de qualquer forma, se eu não conseguia fazer tudo o que eu precisava, é porque era impossível dar conta de tamanha demanda.

Foi aí que percebi aquilo que eu tanto faço e que segue invisível. Invisível porque boa parte dessas atividades domésticas não estão listadas na minha agenda e nem serviriam de justificativa para qualquer pendência que eu deixasse pelo caminho.

De todo modo, não faz sentido listar os momentos de acordar e arrumar as meninas; ou quantas vezes tenho que lavar as louças que, misteriosamente, brotam na pia; ou as inúmeras vezes que paro uma tarefa para acompanhar a pequerrucha na sua ida ao banheiro, já que, para um desfalde ter sucesso por aqui, é necessária a disponibilidade da mamãe sempre que soa o alarme: “Xixi!”

Enfim, eu queria olhar um pouco para o que eu faço só para poder dizer a mim mesma que está tudo bem quando as coisas ficam fora de ordem — o que me deixa um pouco desestruturada —, ou quando atraso minhas leituras e atividades do doutorado, ou mesmo quando tenho que lidar com a birra de uma pequerrucha que não aceita que a mamãe parou de brincar para arrumar algo que se tornou inadiável na casa — e olha que aos finais de semana a casa fica totalmente largada.

Aos poucos, a filhota tem me auxiliado em algumas atividades: guardar brinquedos, retirar roupas do varal, guardar as roupas dela, arrumar a cama. Ela tinha aprendido a fazer outras atividades, mas tivemos algumas regressões e eu ainda estou dando um tempo pra ver se ela terá condições de fazer tudo o que aprendeu antes. De todo modo, não adianta exigir que ela realize atividades domésticas se isso não ocorrer com autonomia e segurança.

Bem, hoje eu consigo enxergar esse invisível trabalho doméstico que demanda tanto de mim. Pois o que mais me desgasta não é caminhar com minha filha, isso faz bem também à minha saúde; não é brincar com minha pequerrucha, afinal, são momentos de intensa alegria; e nem é ir com elas até a pracinha, apesar de tantas vezes eu já estar tão esgotada que desisti de levá-las para um divertido passeio.

Esse trabalho doméstico que faz parte da meta diária de manter as meninas dessa casa vivas, limpas e alimentadas, sobrecarrega as mães, tanto aquelas que se dedicam exclusivamente à família quanto aquelas que também desempenham atividades laborais externas para compor a renda familiar. No final das contas, é um trabalho que fica invisibilizado, porque de alguma forma a sociedade segue atribuindo somente às mulheres essa função de sustentação do lar em sua organização.

Abraçando meu novo eu

Eu nasci, cresci e me desenvolvi. Posso dizer que não perdi nenhuma das oportunidades que a vida colocou diante de mim.

Trilhei um longo percurso na minha escolarização e estou realizando o sonho acadêmico do doutorado. Tenho um trabalho que me proporciona realização profissional e uma renda para mantimento da minha família. Já conheci pessoalmente vários lugares e o mundo da leitura já me levou a tantos outros que ainda pretendo conhecer. Já me casei, mas também aceitei que era hora de separar quando percebi que aquele ciclo tinha encerrado e que já não mais seríamos companheiros, mas que seguiríamos como mãe e pai de nossas meninas.

E eu renasci. Como mulher-mãe, aquela que teve que aprender como lidar com uma adolescente que chegava carregada de experiências por mim desconhecidas e que teve que aprender a cuidar de uma bebê recém-nascida.

Fui a mulher-mãe que se perdeu em algum momento em meio deste trajeto chamado vida. Não sei a exata hora nem em qual estação. Penso que em algum momento adormeci e não ouvi que era hora de colocar a máscara de oxigênio, e segui enlouquecida tentando ajustar a máscara nas minhas meninas para que elas seguissem vivas, sem que eu me desse conta de que seria difícil para elas seguirem bem se eu não ficasse bem.

Quem alimentaria a pequerrucha? Quem caminharia com a filhota? Quem ajustaria as fraldinhas ao longo do crescimento da Ana Júlia ou a levaria de pronto para o troninho quando o alarme — “Xixi!” — soasse? Quem ajudaria Caroline a ler? Quem? Quem?

Não sei, talvez aparecesse alguém em meio a tudo isso que as acolhesse e fizesse o que fosse necessário. Porém, não posso esconder o medo que ficou cravado em mim e que talvez até hoje nunca revelei. Mesmo desconhecendo as causas e o

exato tempo, sei que minha filhota ficou anos à espera da adoção e que essa ausência de vínculo, de afeto e de referência causou nela danos emocionais que, às vezes, parecem irreversíveis.

E aí está meu medo quando penso em minha ausência. Quem cuidaria delas no meu lugar? Sim, tenho medo de elas não me terem mais por perto, e esse medo se agravou muito na pandemia, a ponto de nossa casa virar um recanto de real isolamento. Era medo de perdê-las, mas era medo de, no dia seguinte, ser eu parte daquelas dolorosas estatísticas em que vi contar pessoas que foram tão queridas para mim.

Eu precisei me reencontrar. Não que eu não estivesse me procurando; a terapia semanal já era um sinal de que eu ainda estava às voltas, em meio aos labirintos da vida, buscando onde eu tinha deixado a essência da menina proativa ou daquela mulher tão decidida.

Eu precisei entender que cuidar um pouco mais de mim não anularia a boa mãe que eu tentava ser, que voltar a fazer o que eu tanto gostava não era negligência diante do que as minhas meninas precisavam.

Eu precisei, por um longo tempo, responder à pergunta feita semanalmente por minha psicóloga. Afinal, o que eu estava fazendo por aquela mulher-mãe? A terapeuta sempre me dizia: “Sei exatamente tudo o que você faz por cada uma de suas filhas, pelo seu companheiro e pelo seu trabalho, mas ainda não consegui perceber o que está fazendo por você”.

Reconheço que foi difícil escutar isso tantas vezes. Porque eu acabei me deixando levar pela cultura que sobrecarrega a mulher, cultura que afirma que, ao ser mãe, ela deve se anular, e que mesmo também sendo responsável pela renda familiar, não pode deixar de lado os cuidados domésticos. Fui me anulando, perdendo-me de mim mesma, sem perceber que o oxigênio já estava acabando.

E nessa autoanulação, eu falhei.

Sim, eu falhei! Para minha tristeza, não apenas uma vez.

Falhei quando, não sabendo o que fazer, dei ouvidos a quem dizia o contrário daquilo que eu acreditava ser o melhor para minhas meninas.

Falhei quando fui me dedicando tanto à casa, ao trabalho, ao companheiro, às filhas, mas fui esquecendo que também precisava dedicar tempo a mim mesma.

Falhei quando não dei espaço para as amigas se aproximarem, mesmo que de forma virtual.

Falhei quando me enclausurei por medo.

Falhei porque sou humana e suscetível a falhas — e, mesmo assim, segui tentando me reencontrar.

Em algum momento, recuperei o fôlego. Alguma amiga que já tinha conseguido colocar a própria máscara e cuidar dos seus chegou até mim e me ajudou. Foram as amigas Ada, Dani e Ju que formaram a rede de apoio que eu tanto precisava. Fosse ouvindo meus longos áudios, fosse me dando dicas de como tornar minha casa mais funcional, fosse sugerindo como ajustar minha rotina com as meninas, fosse compartilhando as suas experiências maternas, fosse me dando suporte em como voltar a olhar para mim mesma. A cada uma dessas amigas, serei para sempre grata. Elas me ajudaram a estar firme para seguir caminhando com minha filhota e trocando olhares expressivos com minha pequerrucha.

O caminhar, antes desorientado, passou a ser mais firme, e, aos poucos, fui encontrando as essências que deixei perdidas pelo caminho.

E descobri que a menina proativa ainda estava lá. Sim, ela esteve comigo o tempo todo, mas essa essência eu só usava quando o trabalho demandava ou quando minhas meninas de mim precisavam.

A mulher determinada também não tinha ido embora, ela estava ali e eu podia enxergá-la diante do espelho. O problema era que há muito tempo eu não parava em frente ao espelho. No entanto, quando eu olhei e a reencontrei, retomei os proje-

tos, reorganizei a agenda, defini — e, por inúmeras vezes, redefini — a rotina. Enfim, eu retomei o controle da minha vida.

Não posso ser tão dura comigo, disso eu sei. Se as meninas seguem vivas, limpas e alimentadas, é porque dia após dia eu usava minhas essências para dar conta do que era possível. E, à medida que fui percebendo que eu também precisava cuidar desta menina e desta mulher — estas que são a mesma que agora escreve —, e desta mulher-mãe, e não as abandonar mais, foi que finalmente eu me abracei. Pedi a mim mesma perdão pelas falhas, consegui buscar ajuda e dar outro passo, que foi o de corrigir as falhas que afetaram as minhas meninas.

Eu consegui me reabrir para a vida, cuidar de mim, escutar as amigas e não só murmurar sobre meus problemas, mas também ser escuta ativa e mão amiga quando elas precisavam de mim.

Eu falhei, e se falhei contigo e ainda não me redimi, quero que saiba que na próxima oportunidade eu tentarei resolver essa pendência, pois agora, cheia de novas e de antigas essências, posso finalmente dizer que eu me reencontrei.

Meu novo eu é o eu do presente, o eu deste outono de 2023. É o eu mulher-mãe, doutoranda, profissional e uma principiante escritora. É o eu que busca reconhecer as próprias falhas, abraça este novo eu e explica que ainda é possível se corrigir. É o eu que percebeu o quanto de essência foi acrescida a si ao longo da vida e que precisa evitar perder-se de si. É o eu que espera que por longo tempo ainda possa viver novas, desafiadoras e coloridas fases.

A obra “Tecendo (e)ternos laços: narrativas de um maternar” apresenta os desafios da parentalidade, o tornar-se mãe pela via adotiva e biológica. Com linguagem acessível, a narrativa, que é individual, torna-se coletiva no ponto em que toca a cada mãe que lê – típica, atípica, biológica, adotiva, compartilhando experiências, alegrias, dramas e problematizando os desafios diários que se colocam diante das mães-mulheres-profissionais.

O desenvolver do texto aborda pontos sensíveis do maternar: a busca pelo afeto nas relações; formas diferentes de fazer o mesmo com vista a outros resultados; medicalização na infância e adolescência; as metamorfoses pelas quais uma família, uma mãe, passa; o estudo necessário para essa função tão antiga e tão solitária na atualidade, a maternidade; o mundo de possibilidades, tentativas, erros e acertos do fazer cotidiano materno.

Diana Lusa

Pedagoga, IFRS, *Campus Veranópolis*



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Rio Grande do Sul